

Alfonsín: chamamento ao povo pela TV para barrar o terror

## Alfonsín quer Argentina unida contra os golpistas

Militares terroristas ameaçam a população. Página 2

## Indústrias têxteis são inferno para operários

Ruído ensurdecedor, pó, calor... e alguns andam até 50 km por dia na fábrica. Pág. 10

# Trabalhadores definem voto pela democracia



Foto: César Diniz

No dia 25, os trabalhadores foram dar apoio a Fernando Henrique, em São Paulo

A duas semanas das eleições municipais, os trabalhadores vêem com mais nitidez quais os interesses em luta. Em São Paulo, onde a disputa eleitoral é mais encarniçada e tem maior repercussão, eles cerram fileiras em torno do candidato do avanço, o senador Fernando Henrique, contra o do atraso, Jânio. Veja também o quadro em Recife, Fortaleza, Goiânia e Camaçari.

Página 3

DITORIAL

## Nós e a Argentina

Brasil e Argentina atravessam situações complexas na luta pela democracia. São realidades distintas, mas nos dois países vigoram governos que podem ser caracterizados como de transição, submetidos a intensas pressões da direita saudosa dos antigos regimes militares.

No Brasil, a direita trata de se rearticular para sabotar a Nova República e impedir as mudanças. E conta com a atividade suspeita de falsas correntes de esquerda, como o PT e o PDT, para ajudá-la a desgastar o governo. O confronto entre os que querem imprimir um caráter progressista ao processo político e os conservadores expressa-se neste momento na disputa eleitoral. Ganha por isto grande importância a unidade dos democratas para derrotar os candidatos do velho esquema malufista, como Jânio Quadros por exemplo, e dar vitória aos representantes das mudanças como Fernando Henrique, Mário Kertsz, Jarbas Vasconcelos, entre outros.

Na Argentina a radicalização é muito maior. Apesar do governo Alfonsín ter sido eleito diretamente, os reacionários estão numa atividade frenética. Em conluio com o imperialismo já conseguiram forçar o governo a adotar um plano econômico de emergência inteiramente de acordo com as orientações do FMI. Mas, não contentes com isto, partem para ações terroristas e para o desafio aberto às instituições, para liquidar todas as conquistas democráticas, impedir a punição dos generais assassinos e pôr abaixo o próprio presidente da República. Domingo, quando este jornal estiver circulando, se realizarão as eleições argentinas. E também aí o povo tende a se manifestar, através do voto, apoiando a democracia e condenando o fascismo. O próprio Alfonsín, que desde o início de seu governo não teve a ousadia de mobilizar as massas para defender as mudanças, agora, diante da arrogância dos militares e da

possibilidade concreta de um golpe, apelou para o apoio popular.

Nas duas situações os trabalhadores têm uma imensa responsabilidade. Por um lado é na luta deste setor social que reside a mais sólida esperança de sustentação da democracia. Neste sentido, o povo é que pode garantir o governo contra as articulações golpistas. Por outro lado, são também os trabalhadores os que sofrem as principais consequências das vacilações da burguesia e da política econômica ditada pelo FMI.

Coloca-se portanto, diante da classe operária e demais massas populares, uma luta em duas frentes. Sustentar as conquistas políticas para ter maior liberdade e, ao mesmo tempo, manter a independência para conquistar suas reivindicações econômicas. Lutar pela democracia em aliança com todos os que se opuseram ao regime militar e simultaneamente manter a independência de classe forçando a burguesia a ceder melhores salários e melhores condições de trabalho. Não contribuir para desestabilizar o governo - o que neste momento interessa à direita - mas exigir o rompimento com o FMI e uma nova política econômica. E, também de forma independente, batalhar por novas conquistas da liberdade política, terreno em que as classes dominantes são sempre ávaras.

Apesar das diferenças, os trabalhadores dos dois países têm problemas semelhantes a resolver. Em ambos torna-se imperioso abolir definitivamente as idéias estreitas que só conduzem ao isolamento. E buscar a mais ampla unidade democrática, sem perder a autonomia pelos interesses vitais dos explorados. Em ambos os países impõe-se também o correto entendimento das eleições. Não como fórmula mágica que resolve tudo, mas como arma que, usada corretamente, serve à luta de libertação operária.

## Assembléias deliberam greve de 600 mil operários em São Paulo

Metalúrgicos, químicos, vidreiros, padeiros e metroviários deverão parar dia 5, unificadamente. Pág. 7



Foto: César Diniz

Na assembléia dos metalúrgicos de São Paulo, as faixas mostram a presença das fábricas, com destaque as que têm comissões

## Funcionários em greve na Bahia passam de 37 mil

Depois dos trabalhadores da saúde, os professores também param. Pág. 6

## Capital japonês toma conta da bauxita no Pará

Projeto Albrás traz a marca do "modelo" entreguista de 64. P.5

## Adesão total ao protesto na Caixa

Funcionários da Caixa Econômica Federal, depois de pararem por um dia, podem ir à greve. Página 6

## Senador testa-de-ferro ataca nossa informática

O arqui-vende-pátria Roberto Campos ataca outra vez. Pág. 4

**CDM**  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Golpistas ainda ameaçam a Argentina

Ameaçada pelos terroristas, a Argentina realiza eleições parlamentares neste dia 3. O presidente Raul Alfonsín viu-se obrigado a decretar estado de sítio para defender a democracia dos militares golpistas. Decretou a prisão de militares, mas os tribunais já mandaram soltá-los por duas vezes - eles foram novamente presos; porém, a situação é instável.

A ditadura militar argentina foi derrotada. Mas os golpistas mantiveram importantes postos na vida política do país, já que não foram varridos do poder. A transição democrática na nação vizinha sofre, assim, os percalços da correlação de forças existente.

À medida em que se aproxima a data em que será divulgada a sentença contra os integrantes das juntas militares, multiplicam-se os atentados terroristas e as ameaças de golpe sobre o governo de Raul Alfonsín. No dia 22, Alfonsín mandou prender sete militares e cinco civis envolvidos com a trama antidemocrática. No dia 24 um juiz considerou inconstitucional a prisão, e mandou soltar um dos militares - o que acarretaria, inevitavelmente, a libertação dos outros. O presidente apelou, então, para o estado de sítio e determinou a manutenção das prisões no dia 25. Mesmo assim o tribunal de Apelações Criminais de Buenos Aires ordenou a soltura dos terroristas no dia 27, revogando, porém, no



Major Granada, um dos terroristas que entrou e saiu da cadeia

mesmo dia, esta decisão.

Esse entra-e-sai dos terroristas da cadeia dá bem uma idéia da situação atribulada que vive o país. O governo não tem como apresentar provas contundentes contra os prisioneiros. O motivo é simples: o serviço secreto, encarregado de levantar essas provas, está envolvido nos atos terroristas. É o caso, por exemplo, do coronel Alejandro Arias Duvval, preso por determinação de Alfonsín. Ele foi solto por ordem de um juiz. Saiu da cadeia e reassumiu suas funções... no serviço secreto encarregado de investigar os atentados terroristas!

Bombas voltaram a explodir em Buenos Aires na semana passada, já com o

país sob estado de sítio. Ao mesmo tempo, 350 altos oficiais que trabalham no Estado maior do Exército exigiram "informações" sobre o alcance das prisões dos golpistas - alguns dos detidos são seus colegas de trabalho.

Neste clima o país caminha para o pleito do dia 3, quando serão eleitos 127 deputados à Câmara Federal e quase 6 mil vereadores. O estado de sítio não afetou a propaganda eleitoral. "Aqui não é como uma ditadura, em que se usa o estado de sítio para tyrannizar. Queremos apenas punir os responsáveis pelos atos de violência e intimidação que crescem dia a dia", esclareceu o ministro da Justiça, Carlos Alconada.



# EUA e URSS preparam a guerra e conversam sobre a paz

A imprensa burguesa volta, nos últimos dias, a descarregar notícias, análises, notas sobre as conversações entre os chefes do imperialismo norte-americano, Ronald Reagan, e do social-imperialismo, Mikhail Gorbachev, marcadas para 19 e 20 de novembro em Genebra. Ao mesmo tempo, multiplicam-se as acusações mútuas entre as duas superpotências.

Desta vez está difícil para os noticiários alardearem "avanços no caminho da paz" que estariam sendo marcados com as reuniões entre os imperialistas. Pelo contrário, o atual encontro - o primeiro de Reagan com um chefe de Estado soviético desde que assumiu a presidência dos Estados Unidos - está sendo precedido de acusações dos EUA contra a URSS, responsabilizando-a pela corrida armamentista e dos social-imperialistas, contra a superpotência rival, de não aceitar suas propostas de congelamento de armas e, mesmo, desarmamento.

## PAZ IMPOSSÍVEL

Num ponto os imperialistas de ambos os lados concordam: pretendem semear ilusões entre a humanidade de que o futuro da paz depende desse tipo de encontro, e que é possível a paz mesmo sob o regime imperialista. Trata-se de um engodo descarado. Por sua própria natureza, o imperialismo leva à guerra. Esta etapa do capitalismo caracteriza-se entre outras coisas, pelo fato de todo o Globo estar dividido entre os países exploradores. Como enfatizou Lênin, "o mundo já se encontra reparado, de modo que daqui por diante poderá haver unicamente redivisões, ou seja, a passagem de territórios de

um 'proprietário' para outro..."

Desde que a União Soviética, nos anos 50, abandonou a construção do socialismo para constituir-se, ela também, numa superpotência imperialista, sua disputa com os EUA converteu-se numa luta pela conquista de mercados, de povos e territórios para explorar. Daí sucederam-se encontros e desencontros, negociações e desacordos sobre a paz, a corrida armamentista, etc. - e campearam, mais e mais, o perigo e os preparativos para a guerra.

Os chefes dos EUA e URSS, antecessores de Reagan e Gorbachev, já assinaram "grandes acordos" de controle de armamentos em 1963, 1968, 1972. Todos, invariavelmente, violados. A corrida armamentista não cessou nem mesmo no momento em que os dirigentes imperialistas apunham suas assinaturas em tais tratados.

Para a presente reunião, as superpotências conchavaram inclusive com seus aliados ou "colônias" dias antes do encontro. No final de outubro Reagan confabulou com os governantes da Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, Itália, Canadá e Japão, em Washington, e trocou idéias também com François Mitterrand, da

França. Gorbachev, por seu turno, cavaqueou com seus parceiros da Polônia, Romênia, Alemanha Oriental, Bulgária, Hungria e Tchecoslováquia, integrantes do Pacto de Varsóvia.

## INDÚSTRIA BÉLICA

Mas tantos conciliábulos não apontam para um entendimento entre os inimigos da paz e da liberdade. Na verdade, chegou o mês de novembro e nem mesmo a pauta da reunião de Genebra foi acertada. Enquanto Gorbachev e seu bando anunciam com estardalhaço que pretendem acertar o congelamento de efetivos militares de ambas as superpotências, Reagan propaga a ideia que vai tratar dos conflitos regionais na Ásia, África e América Central e a questão dos direitos humanos no bloco soviético.

De concreto mesmo, só desponta o absoluto desprezo destes senhores pelos povos do mundo. E sua arrogância em acharem-se os todos poderosos a discutir que futuro terão as nações de todos os continentes por eles exploradas e disputadas.

É entre um conluio e outro, cresce a indústria bélica que, no início deste ano, ocupava 50 milhões de pessoas. Segundo a Unesco, 20% dos cientistas e técnicos do mundo trabalham em pesquisas e desenvolvimento de novas armas. O imperialismo segue seu curso, até que seja estourado pelos povos em luta e uma nova sociedade, socialista, seja construída, trazendo a paz, o progresso e a prosperidade ansiados pela humanidade.

# Guerrilheiros obtêm vitória em El Salvador

A guerrilha salvadorenha obteve uma "vitória estratégica" no último dia 25, ao conseguir a libertação de 22 presos políticos e o salvo-conduto para que 96 guerrilheiros mutilados durante a guerra civil deixassem o país, em troca da filha do presidente Napoleón Duarte e de sua secretária, seqüestrada pela Frente Pedro Paulo Castillo, em San Salvador, no dia 10 de setembro. A guerrilha também libertou 23 prefeitos e 10 funcionários públicos, seqüestrados desde maio.

O acordo para a libertação dos prisioneiros foi firmado na capital do Panamá, cujo governo também cedeu o avião que levou os guerrilheiros feridos - que até então estavam internados em hospitais de campanha da guerrilha - de San Salvador para Havana, de onde a maioria deverá ser encaminhada para alguns países europeus e latino-americanos para tratamento médico.

Dos 22 presos políticos soltos, 19 viajaram em um caminhão da Cruz Vermelha até uma região controlada pela Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) para se reintegrarem à luta. (A guerrilha, que há 6 anos combate o governo salvadorenho sustentado pelos EUA, já controla um terço do território do país).

O ponto de maior atrito nas negociações foi a libertação da comandante Nidia Diaz, que participou das conversações de paz entre a guerrilha e o governo salvadorenho no ano passado e que havia sido capturada pelo Exército em abril. Nidia Diaz, 32 anos - manca, com uma grande cicatriz num braço e quatro ferimentos de bala no corpo - acompanhou os guerrilheiros feridos que foram levados para o exterior, juntamente com o médico hondurenho Marcelino Reyes e o piloto costarricense Julio Romero.

# Apoio social-democrata ao militarismo francês

O governo "socialista" francês realizou, no último dia 24, mais um teste nuclear no atol de Mururoa, no Pacífico Sul (desde 1960 já foram explodidas 48 bombas na superfície e 90 subterrâneas). Ao contrário dos testes anteriores, cercados do maior sigilo, desta vez o próprio primeiro-ministro Laurent Fabius, acompanhado do ministro da Defesa, Paul Quilès, e de uma delegação de dez deputados, senadores de vários partidos e jornalistas foram até Mururoa para assistir essa detonação, ocorrida no fundo de um vulcão

extinto.

Um dos objetivos da presença de autoridades francesas no local dos testes nucleares é demonstrar - ao contrário do que afirmam os pacifistas e países da região - que eles são "inofensivos". O outro seria reafirmar que a França não abrirá mão de desenvolver e modernizar seu arsenal nuclear, apesar do recente escândalo do afundamento do navio Rainbow Warrior, do movimento pacifista Greenpeace, por agentes secretos franceses.

# O exército é inatacável?

O caso do navio Rainbow Warrior, do movimento Greenpeace, afundado em julho pelo serviço secreto da França, ainda permanece obscuro. Mas ele serviu para dar uma idéia do grau de intromissão das Forças Armadas na vida política francesa, mesmo sob um governo autodenominado "socialista".

Quando o primeiro-ministro Laurent Fabius admitiu a "verdade cruel" do envolvimento do Exército francês no caso, muitos podem ter imaginado que "cabeças iriam rolar", mesmo que portassem quepes de general. Afinal, o ministro da Defesa, Charles Hernu, homem de confiança de Mitterrand e das Forças Armadas, renunciara.

Mas logo surgiram ameaças: "Não haverá espaço para ataques diretos ou indiretos ao Exército, à nossa defesa ou à segurança do país. É bom que se respeitem os limites deste inquérito", disse o ministro do Exterior, Roland Dumas, tido como porta-voz de Mitterrand.

Desde que subiu ao poder, em 1981, a social-democracia francesa, nisto há que se reconhecer, vem se esforçando para honrar seus compromissos de campanha no tocante ao relacionamento com os militares. E, pouco a pouco, os receios dos generais ao governo dito socialista de Mitterrand foram se dissipando.

O papel desempenhado neste sentido pelo ex-ministro da Defesa, Charles Hernu, foi decisivo. Ele tratou de dar todas as garantias de que os militares ficariam intocados, que a política de defesa do país continuaria a ser decidida nos quartéis. Hernu foi, dentro do governo, o maior baluarte para que hoje a França seja um dos mais seguros aliados dos EUA na Europa.

A interferência das Forças Armadas na vida política francesa

data de muito tempo atrás. O Exército sempre jogou seu papel político de defensor dos interesses da burguesia monopolista. Em todos os momentos decisivos em que a luta de classes se exarcebou, em que o domínio do capital esteve ameaçado (dentro ou fora do país), os generais franceses falaram "grosso". Basta lembrar os acontecimentos de maio de 1968 e a guerra da Argélia.

Os fatos indicam que se formou um consenso entre os partidos burgueses no sentido de abafar o "caso Greenpeace". Ninguém quer uma crise política, nem o confronto com as Forças Armadas. Mais que isso, o que se busca é preservar o Exército e, já que o caso se liga aos testes nucleares no atol de Mururoa, a própria política armamentista francesa.

Não se estranha, portanto, que todo o espectro político parlamentar se tenha alinhado contra as investigações. A direita, capitaneada pelo fiel partidário do general de Gaulle Jacques Chirac e pelos conservadores Giscard d'Estaing e Raimond Barre, recusou-se a participar de comissões de inquérito. O PS de Mitterrand, por razões óbvias, procura tratar o caso como "águas passadas". Mesmo os revisionistas do PCF tranquilizam o governo e anunciam que "o caso Greenpeace não será tema da nossa campanha eleitoral".

O perigo deste acordo tácito de silêncio está em que o parlamento dá um "atestado de boa conduta" aos militares. Os representantes populares se fazem, desta maneira, cúmplices de um ato terrorista ordenado de dentro do próprio Estado. O legislativo curva-se e sacrifica sua independência aos interesses da hierarquia militar - que deveria, esta sim, submeter seus atos à apreciação dos detentores do voto (Sílvio Queiroz)

# Mexicanos exigem moratória da dívida

Cerca de 50.000 pessoas participaram de uma passeata pelas ruas centrais da capital mexicana, no dia 23, exigindo a moratória no pagamento da dívida externa de 96 bilhões de dólares. Os manifestantes pediram a canalização dos fundos destinados ao pagamento dos juros - cerca de 12 bilhões de dólares, esse ano - à reparação dos danos provocados pelo terremoto nos dias 19 e 20 de setembro passado. Segundo Cuahutemoc Abarca, dirigente da "Coordenadoria dos Danificados" pelos terremotos, é uma vergonha que o ministro da Fazenda, Jesus Silva Herzog, esteja "mendigando" 5 bilhões de dólares para a reconstrução, quando o país tem 12 bilhões de dólares para pagar os juros da dívida. "Isso é um crime e um ato de traição ao México", concluiu Abarca.

# Protesto contra FMI no Equador

A política equatoriana reprimiu violentamente as manifestações contra o pagamento da dívida externa ocorridas em várias cidades, no dia 23, provocando a morte de dois estudantes em Milagro e prendendo vários dirigentes sindicais em Guayaquil. Em Quito, a polícia dissolveu - com bombas de gás lacrimogêneo e canhões de água uma passeata contra o FMI.

Enquanto isso, o presidente Leon Febres Cordero afirmava que nas próximas semanas firmará a renegociação da dívida externa do país - cerca de 7 bilhões e 300 milhões de dólares.

# Racistas usam novas armas contra negros

O governo racista sul-africano assinou, dia 25, um decreto estendendo à Cidade do Cabo o estado de emergência implantado no dia 21 de julho passado em 36 outros distritos do país. Essa medida, adotada depois que os conflitos raciais atingiram o centro do Cabo - com um saldo de cerca de 40 mortos, a maioria negros e mestiços, na duas últimas semanas de setembro - autoriza a polícia a prender pessoas sem mandato judicial e mantê-las incomunicáveis por tempo indeterminado.

A polícia sul-africana inova também seu "método de trabalho", através da utilização de novas armas. No último dia 22, a polícia racista utilizou uma mangueira que esguicha tinta púrpura e uma metralhadora que atira balas de borracha para reprimir manifestações anti-apartheid no subúrbio negro de Crossroad, com um saldo de dois negros mortos. No mesmo dia, foi utilizado um novo modelo de helicóptero de combate para intimidar os estudantes em greve de uma escola mestiça em outra província do Cabo, Mitchell's Plain.

UNIÃO DE MULHERES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO BALANÇO GERAL ENCERRADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1982			
ATIVO		PASSIVO	
Ativo circulante		Passivo Circulante	
Caixa	43.492,00	Patrimônio Líquido	43.492,00
		Superávit no Exercício	43.492,00
TOTAL DO ATIVO	43.492,00	TOTAL DO PASSIVO	43.492,00
DEMONSTRAÇÃO DA CONTA DE RESULTADO NO EXERCÍCIO			
Receitas Anúncias	64.030,00		
(-) Despesas Operacionais	20.538,00		
Superávit no Exercício	43.492,00		
BALANÇO GERAL ENCERRADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1983			
ATIVO		PASSIVO	
Ativo circulante		Passivo Circulante	
Caixa	212.057,00	Patrimônio Líquido	43.492,00
		Superávit Ex. Anterior	168.565,00
		Superávit no Exercício	212.057,00
TOTAL DO ATIVO	212.057,00	TOTAL DO PASSIVO	212.057,00
DEMONSTRAÇÃO DA CONTA RESULTADO NO EXERCÍCIO			
Receitas Anúncias	343.940,00		
(-) Despesas Operacionais			
Despesas Gerais 1.71.865			
Despesas Tributárias 3.510	173.375,00		
	168.566,00		
BALANÇO GERAL ENCERRADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1984			
ATIVO		PASSIVO	
Ativo Circulante		Passivo Circulante	
Caixa	-	Patrimônio Líquido	212.057,00
Ativo Permanente		Superávit Anterior	110.000,00
Imobilizado		Superávit no Exercício	(102.057,00)
Móveis e Utens.	110.000,00		
TOTAL DO ATIVO	110.000,00	TOTAL DO PASSIVO	110.000,00
DEMONSTRAÇÃO CONTA DE RESULTADO NO EXERCÍCIO			
Receitas Anúncias	969.520,00		
(-) Despesas Operacionais			
Despesas Gerais 1.014.820			
Desp. Tributárias 124.277	1.071.577,00		
Deficit no Exercício	102.057,00		
Maria Amélia de Almeida (1ªª) (Presidente)			
José Geraldo Pinto da Penha (secretário - CRC 62.953 - SP)			



# PC do B - "PCB", dois caminhos opostos

Pedidos à Editora Anita Garibaldi, av. Brigadeiro Luís Antônio, 1511, CEP 01317, São Paulo, ao preço de apenas Cr\$ 2 mil

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# AS CAPITALIS EM CAMPANHA ELEITORAL

São Paulo

## Trabalhadores com o "candidato da mudança" para derrotar Jânio

"O Fernando Henrique terá o meu voto porque é o candidato das mudanças e é o único que pode derrotar Jânio Quadros". Essa declaração, de um metalúrgico da Zona Leste, 35 anos, de certa forma resume a opinião de milhares de trabalhadores que, no último dia 25, compareceram à manifestação realizada na rua do Carmo em apoio ao candidato do PMDB.



Em meio à animação e ao colorido das bandeiras, Fernando Henrique com sindicalistas como Oswaldo Ribeiro, dos Aeroviários (abaixo)

Fernando Francisco, de 37 anos, casado; dois filhos, empregado na Fábrica de Móveis José Pepe Indústria e Comércio e entusiasta partidário de Fernando Henrique Cardoso, diz: "As pessoas conscientes não estão nem podem estar com o Jânio, porque ninguém esquece dos 21 anos de ditadura não. O Jânio é o candidato dos homens que sustentaram o regime militar, como o Paulo Maluf e o Delfim Netto".

Outro operário, metalúrgico, ressalta que "as coisas estão claras até demais. Há o Jânio de um lado e Fernando Henrique do outro. Candidatos como o do PT e do PDT só servem para dividir os votos". Jamil Murad, secretário geral do Sindicato dos Médicos, destacou que Fernando Henrique "sempre esteve do lado dos assalariados na luta contra o arrocho salarial, contra o 2.045 e outros decretos baixados pelo governo Figueiredo. Lutou pelas diretas e apoiou o candidato único das oposições, Tancredo Neves, para pôr fim ao regime militar. É, por isso, o candidato da democracia e do povo".

### NOS BANCÁRIOS, 80%

Ederaldo de Oliveira, relator do Sindicato dos Bancários de São Paulo, observou que "os bancários estão ao lado de Fernando Henrique porque estão ao lado da democracia. Uma recente pesquisa junto à categoria mostrou que 80% vão votar no Fernando Henrique em 15 de novembro".

Falando em nome do Partido Comunista do Brasil, Eustáquio Vital - diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo - acentuou: "A luta, hoje, é contra o retrocesso. Os operários almejam mudanças profundas, querem o socialismo, mas sabem que precisam de liberdade e votar pela liberdade significa votar em Fernando Henrique".

Por sua vez, o candidato, depois de salientar que sua candidatura é a continuidade das lutas pelas diretas-já e pela eleição

de Tancredo Neves, comentou: "Aqui em São Paulo realizou-se a coalisão mais reacionária que se fez em todo o país, reunindo Jânio, Delfim, Maluf e Golbery". Salientou que todas as forças democráticas e progressistas, "inclusive os comunistas", estão ao seu lado; e assegurou que, na atual campanha salarial das categorias com data-base no final do ano, "mais uma vez estarei ao lado dos trabalhadores, lutando pelo que é certo". Confiante na vitória, disse ainda que "São Paulo vai mostrar novamente que é democrática e está do lado do avanço".

### Manifesto de 200 petistas apóia Cardoso

"O PT não pode entrar no rol daqueles que marcham na contra-mão da história, pois esta atitude fatalmente o conduzirá a uma irreversível rota de coalisão" - afirmam cerca de 200 militantes de base do PT, todos da Zona Leste da capital paulista, numa "Carta aos Petistas" em que manifestam "nosso desejo de apoiarmos a candidatura do senador Fernando Henrique Cardoso". O grupo já está se preparando para uma ativa boca de urna dia 15, apesar dos ataques já desfechados pela cúpula do PT contra João Marcos Carvalho, relator do documento.

A Tribuna Operária ouviu também uma componente, Maria José Albuquerque. Ligada à Igreja, coordenadora de Grupos de Rua, Maria José

### OPINIÃO

## Responsabilidade especial

São Paulo concentra, cada vez mais e com maior razão, a atenção dos observadores políticos nessa eleição que é municipal em sua superfície mas tem significado nacional.

Para além da importância deste município com 10 milhões de habitantes, a eleição paulistana ganha relevo ainda maior pelo conteúdo das duas candidaturas que disputam de fato a Prefeitura - a de Fernando Henrique e a de Jânio Quadros. É medida que se aproxima o dia 15, mais pesada se torna a carga de identificação dessas campanhas com as duas grandes forças que se enfrentam no Brasil pós-ditatorial.

Se Fernando Henrique representa o avanço, este fica mais evidente à medida que

sua campanha busca o contato com os trabalhadores e bate mais rijo nas forças tenebrosas que sustentam seu adversário. Se Jânio desde o início personifica o retrocesso, seu reacionarismo salta cada dia mais os olhos com o recurso ao anticomunismo mais barato e mentiroso - chegando ao cúmulo de dizer que, se o povo eleger Fernando Henrique, as igrejas serão transformadas em lanchonetes...

A disputa é particularmente inflamada em São Paulo porque espelha mais do que todas um combate bem maior, de dimensão nacional. Os trabalhadores conscientes e todos os setores progressistas da capital paulista têm, portanto, uma responsabilidade toda especial até o dia 15.

se considera "PT de ponta a ponta". Mas não reluta em vestir a camisa de Fernando Henrique, na creche onde trabalha, em São Miguel Paulista, nos bairros e em toda parte. Sua explicação é simples e clara: "O nosso candidato, o Eduardo Suplicy, infelizmente não tem chances. E o Jânio é uma ameaça. Então, não vamos desperdiçar votos; a gente não pode deixar o Jânio entrar na Prefeitura".

Maria José informa que, embora ouça acusações de ter "virado a casaca", a maioria das pessoas com quem ela con-

versa, inclusive dentro do PT, "está gostando". E para João Marcos, "inúmeros petistas não assinaram o manifesto mas vão votar no Fernando Henrique".

A posição incômoda do PT na eleição em São Paulo ecoou também no município vizinho de Osasco importante centro metalúrgico. Na terça-feira, deixaram as fileiras do PT 47 militantes, inclusive ex-membros do Diretório Municipal e também seu ex-presidente, o operário metalúrgico José Pedro, um dos fundadores do PT nacional.

## Tribuna Operária

Edição Especial ANO VI 2 DE NOVEMBRO DE 1985 CR\$ 200

### Mudanças ou coronéis?



**O voto é coisa séria**  
Essa é a hora de votar e não se pode deixar para depois. O voto é uma responsabilidade que não pode ser deixada para depois. É preciso votar com consciência e não se deixar levar por interesses pessoais ou de grupo.

**Paes de Andrade fala sobre as questões nacionais**  
O candidato da mudança, Paes de Andrade, falou sobre as questões nacionais e a importância de votar no candidato que representa as mudanças.

**O que está por trás dos candidatos?**  
O que está por trás dos candidatos? É preciso analisar o perfil de cada candidato e suas propostas para o país.

**PC do B conta as razões de seu apoio ao candidato das mudanças**  
O Partido Comunista do Brasil (PC do B) explica as razões de seu apoio ao candidato das mudanças, destacando sua luta pela democracia e pelo povo.

**O que mudou e o que ainda é preciso mudar no país com a Nova República**  
O que mudou e o que ainda é preciso mudar no país com a Nova República? É preciso continuar a luta por reformas e justiça social.

### Fortaleza

Com tiragem de 50 mil exemplares, acaba de ser publicada mais uma edição especial da Tribuna Operária, desta vez dedicada ao quadro eleitoral em Fortaleza. "Fica cada vez mais claro - afirma o editorial - quais são os dois times que se enfrentam neste jogo. De um lado, o candidato que representa uma ampla frente progressista pelas mudanças, marcada pela unidade do povo e dos democratas, dando continuidade à luta das diretas-já e da eleição de Tancredo. De outro, o time dos coronéis, representante do atraso, da repressão, da corrupção, da exploração patrocinada pelo regime militar e pelos coronéis. Esse time joga com dois candidatos: Moraes (PTB/PDS) para fazer provocações; e Lúcio (PFL) para tentar ganhar."

A Tribuna examina o perfil de cada candidato à Prefeitura de Fortaleza, ouve lideranças populares da cidade, expõe as opiniões do candidato Paes de Andrade sobre diversos temas nacionais e entrevista a presidente do PC do B cearense, Gilse Avelar, sobre as razões do apoio a Paes.

### Camaçari

## Um comício de 20 mil

As cerca de 20 mil pessoas que se reuniram na praça Abrantes, sábado, dia 28, derrubaram as últimas dúvidas sobre a popularidade da candidatura Luís Caetano para a Prefeitura de Camaçari. O município, sede do pólo Petroquímico da Bahia, foi governado pelo prefeito-biônico Humberto Ellery, coronel do Exército, durante 11 anos de muitas denúncias de corrupção, perseguições e desmandos administrativos. Agora, o prefeito e o PDS recorrem a uma agressiva campanha anticomunista e à violência, denunciadas no comício de Caetano por políticos como Waldir Pires, Rômulo Almeida e Mário Kertesz. O deputado Galdino Leite, líder do PMDB na Assembleia do Estado, repetiu a acusação de corrupto que já fez várias vezes ao prefeito e o desafiou a processá-lo por isso, para que pudesse apresentar provas. O presidente de honra do PMDB baiano, Rômulo Almeida, idealizador do Pólo Petroquímico, lamentou que Camaçari e sua população não tenham se beneficiado com a riqueza do pólo. E o orador do PC do B, Hilário Leal, reafirmando o apoio do partido a Caetano, observou que não se tem notícia de comunistas envolvidos com escândalos financeiros, com casos Baumgarten e Riocentro, que comprometem sim "homens da velha república, ligados à ditadura militar que todos ajudamos a derrubar".



Foto Sucursal

Luís Caetano: "Todos felizes"...

tano todos os grupos do PMDB baiano e também o PC do B, PT, PTB, dissidentes do PDT, sete dirigentes do PFL e alguns empresários integrados na campanha "para mudar Camaçari". "Estamos todos nós, PMDB, PT, PC do B, PFL, PTB, felizes porque temos o apoio do povo para mudar Camaçari", ressaltou Luís Caetano no seu discurso de encerramento do comício, já nas primeiras horas de domingo e após seis horas de discursos. Até o candidato do PT no município, José Alan, desistiu da candidatura e compareceu ao comício, para apoiar Caetano.

O perigo agora, em Camaçari, é a fraude instalada pelo PDS e pela Prefeitura no Cartório Eleitoral. Para um total de 37 mil eleitores na cidade, foram denunciadas as transferências irregulares de cerca de 5 mil títulos eleitorais, de "eleitores fantasmas" destinados a sufragar o PDS. (Pedro Augusto Pereira, da sucursal)

### ALIANÇA AMPLA

Para derrotar o PDS e seu candidato, o capitão reformado do Exército José Eudoro, compareceram ao comício de apoio a Ca-

### Goiânia

## Eleitores debatem o programa

Em Goiânia, apesar de virtualmente eleito, o candidato da coligação União do Povo (PMDB-PC do B-PCB), Daniel Antônio, está promovendo comícios nos bairros, num ritmo de cinco por semana. Daniel Antônio divulgou recentemente, para discussão, uma proposta de governo que é síntese das sugestões feitas pelo povo em reuniões nos bairros, escolas, sindicatos e áreas de posse. Também contribuíram para a elaboração do programa diversos organismos do PMDB (Movimento Feminino, Bloco Popular, Fundação Euler Ivo Vieira, presidente do partido em Goiás, avalia que este "sai da campanha não só com uma influên-

cia política maior, mas também com um número significativamente maior de filiados, e isto foi para nós uma rica experiência".

### GALDINO DE VOLTA

Cerca de 2 mil pessoas receberam dia 28, no centro de Araguaína, o vereador Edmundo Galdino, que retornava à sua cidade depois de passar cinco meses em Brasília, convalescendo do atentado a bala que sofreu. Embora tenha ficado paraplégico, Galdino reafirmou perante o povo a disposição de "não se afastar um centímetro sequer da luta pela reforma agrária, pelo progresso do interior e em defesa de melhores dias para a nossa gente". O deputado Aldo Arantes, presente, exigiu com energia que fossem colocados atrás das grades os mandantes e pistoleiros que atentaram contra a vida do vereador. (da sucursal)

### Recife

## Jarbas mobiliza mais povo

Recife passou a ser palco de uma das mais acirradas batalhas políticas destes últimos dias de campanha. Sérgio Murilo, candidato de uma coalisão conservadora, aparece com alguma vantagem nas pesquisas; mas a candidatura que coloca multidões nas ruas e galvaniza os movimentos populares organizados é a do deputado Jarbas Vasconcelos.

### UM PÁREO DURO

Contudo, a candidatura que rivaliza com a de Jarbas, encabeçada pelo deputado Sérgio Murilo, tem também seus trunfos. Apresenta-se como candidatura oficial do PMDB, e conseqüentemente dispõe de mais de metade dos 60 minutos de propaganda gratuita todos os dias pelo rádio e a televisão. Goza do apoio do governo do Estado, que empenha nela sua máquina. É, ainda, a candidatura dos usineiros, o núcleo central e mais reacionário das classes dominantes pernambucanas, possuindo por isso recursos para fazer uma campanha bilionária.

Os partidários de Sérgio Murilo procuram atrair as parcelas atrasadas do eleitorado fazendo confusão em torno de quem apoiar e quem combater a Nova República nas eleições recifenses. Na verdade, representam aqueles setores que se empenham de corpo e alma em



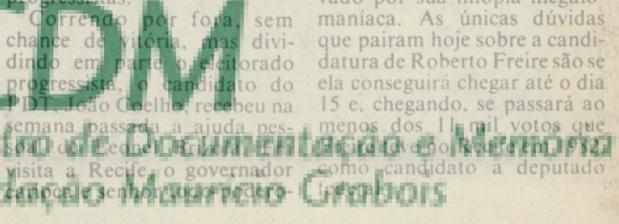
Campanha Jarbas: mais ativistas no trabalho de porta em porta

segurar a Nova República, conter seu avanço, amesquinhar as mudanças que ela se comprometeu a fazer. Enquanto a candidatura Jarbas Vasconcelos aglutina aqueles que apóiam a Nova República e jogam no seu avanço, rumo a transformações democráticas e progressistas.

Correndo por fora, sem chance de vitória, mas dividindo em parte o eleitorado progressista, o candidato do PDT, João Coelho, recebeu na semana passada a ajuda pessoal do governador de Pernambuco, visita a Recife, o governador empenham de corpo e alma em

so do PDT empenhou-se com o nítido objetivo de conseguir a derrota de Jarbas.

Ainda mais por fora, com 2% do eleitorado, segundo as pesquisas, corre o candidato próprio do PCB, Roberto Freire, que paga um preço elevado por sua miopia megalomaniaca. As únicas dúvidas que pairam hoje sobre a candidatura de Roberto Freire são se ela conseguirá chegar até o dia 15 e, chegando, se passará a menos dos 11 mil votos que o partido precisa para se eleger como candidato a deputado estadual. (da sucursal)





Pimenta da Veiga não soube coordenar a resistência às pressões

## Constituinte exige retomada da luta

Continua repercutindo negativamente o adiamento da convocação da Constituinte no Congresso Nacional. O protelamento da questão interessa basicamente aos conservadores, e ajuda a turvar o quadro político. O episódio alertou também para pressões militares, que continuam a interferir na vida política e, por outro lado, para a falta de habilidade da cúpula peemedebista, em particular do líder Pimenta da Veiga.

Já ficou patente a aliança prática entre malufistas, petistas e brizolistas para obstruir os trabalhos no início da votação. Tal articulação foi facilitada pela inabilidade dos dirigentes do PMDB que tinham indicado o deputado Flávio Bierrembach para relator da emenda constitucional do governo, tendo que substituí-lo por Walmar Giavarina. Bierrembach, numa atitude individual e inconseqüente, havia elaborado um substitutivo com posições contrárias ao pensamento do PMDB e da própria Comissão Parlamentar que estudava o assunto.

O texto apresentado por Giavarina, por sua vez, apresenta debilidades flagrantes. Não mexe na proporcionalidade estabelecida para a eleição de deputados e senadores, que prejudica a representação de Estados mais populosos como São Paulo e outros. Permite a presença na Constituinte dos senadores eleitos em 1982, o que é ilegítimo. E na anistia a funcionários e militares inclui, no parágrafo 1º do artigo 4, os autores de crimes "conexos" aos de natureza política - expressão cunhada em 1979 para livrar os torturadores e terroristas do aparelho repressor de qualquer punição. E

exclui da anistia os marinheiros punidos em 1964.

A indicação e posterior afastamento de Bierrembach, o substituto redigido às pressas por Giavarina, tudo sem uma discussão democrática no seio do PMDB e com as demais forças democráticas (como o PC do B, excluído de todos os entendimentos), levaram a uma enorme desorientação.

### PRESSÕES DA DIREITA

Entraram então em cena pressões absolutamente intoleráveis das Forças Armadas. Recados e ameaças, boatos alarmistas, chegavam de todo lado, no velho estilo dos generais. Mas uma vez a liderança peemedebista mostrou-se descontrolada diante do fogo cruzado. A direita pressionava. Em particular os militares, que não toleravam ampliação da anistia aos colegas de farda que levantaram a voz contra o golpe. Os petistas e brizolistas, na mesma trincheira dos malufistas, queriam a qualquer preço infringir uma derrota política ao governo. Sabotavam a convocação da Constituinte, agregavam ao projeto de convocação questões justas, mas que poderiam ser votadas em separado se fosse feito algum acordo.

Ulisses Guimarães, presidente da Câmara Federal e do PMDB, também se deixou confundir. Votou a favor de um destaque na questão da anistia e, logo em seguida, ajudou a derrotar o conteúdo deste destaque. Pimenta da Veiga, líder do PMDB, tentando camuflar seu fracasso e a rebeldia de seus correligionários, "liberou" a bancada na votação da anistia.

### UNIR FORÇAS

Com isto o processo de votação do segundo turno da convocação da Constituinte não se realizou. O destaque que impedia os senadores de 1982 de participarem da Constituinte foi derrotado, assim como o do deputado Jorge Uequed sobre a anistia. E outros quatro destaques também não foram votados. Isto só deverá ser feito depois do dia 20 de novembro.

O PMDB, como partido de frente, tem um grande papel a cumprir. A situação exige rearticulação imediata dos democratas para aprovar a convocação da Constituinte e remover o entulho autoritário que atravessa sua preparação. Ressalta-se a votação da Lei Orgânica dos Partidos, a revogação da Lei de Segurança, da lei de Greve e de outras heranças da ditadura. Todas as forças progressistas têm que se unir neste esforço. Em particular os deputados mais combativos têm a tarefa de manter a cabeça fria e não abandonar o posto a pretexto de vacilações do PMDB e das provocações de direitistas e aventureiros.

## Caso Baumgarten: novos desmandos são revelados

Através dos depoimentos prestado ao delegado Ivan Vasques - que apura a morte de Baumgarten - pelo ex-cabo David do Couto e o sargento Nazareno (presos em Brasília por envolvimento no assassinato do jornalista Mário Eugênio), surgiram novas informações sobre os crimes patrocinados pelos generais no apagar das luzes do velho regime.

Os dois militares não se limitaram a apontar os generais Newton Cruz e Otávio Medeiros como mandantes e autores da morte de Baumgarten. Revelaram uma série de artimanhas golpistas e arbitrariedades provocadas por oficiais (em geral ligados ao SNI), que ainda hoje ocupam importantes postos no Comando Militar do Planalto (CMP).

O ex-cabo Couto já havia comentado as iniciativas golpistas chefiadas pela cúpula do SNI no governo Figueiredo e os desmandos que ocorriam por ordem do general Newton

Cruz. Acreditava-se que a impunidade seria eterna e, afinal, todos os crimes "poderiam ser atribuídos aos comunistas". O sargento Nazareno confirmou tudo isto, mas foi além.

"Em 1984", declarou, "todos podiam executar missões irregulares por que o general Newton Cruz segurava tudo. O capitão Itamar Teixeira Barcellos dizia habitualmente que Newton Cruz ia ser presidente e que todos os que trabalhassem com ele iriam ficar muito bem".

O sargento responsabilizou diretamente o coronel Arídio Mário de Souza Filho pelo episódio da colação de cartazes identificando Tancredo Neves com os comunistas "vários locais de Brasília". Disse que presenciou elementos do SNI jogarem uma bomba de gás lacrimogêneo próximo à rampa do Congresso na votação da emenda Dante de Oliveira. Narrou ainda, vários outros episódios claramente vinculados às iniciativas

golpistas.

O tenente Avelino, ex-comandante do Pelotão de Investigações Criminais (PIC), também endossou os depoimentos do ex-cabo Couto e do sargento Nazareno, garantindo que o coronel José Luís Sávio da Costa, o sargento Paulo Roberto Fábio e o major José Roberto Andrade Biolchini, estiveram envolvidos no assassinato de Baumgarten. Biolchini chefiou a invasão e os atentados contra estudantes da Universidade de Brasília em abril de 1984.

Essas denúncias evidenciam a íntima ligação entre os crimes e as arbitrariedades praticadas sob o manto da impunidade e o espírito prepotente do regime militarista. Os oficiais envolvidos nos ataques diretos contra as organizações populares e nas tentativas de golpe são os mesmos que planejaram a morte de Baumgarten, o atentado no Riocentro e uma multidão de outros crimes. Contudo, a arrogância militarista ainda permanece de pé. Os oficiais envolvidos com assassinatos, corrupção e outros desmandos não apenas continuam, em sua maioria, ocupando posições estratégicas dentro das Forças Armadas; como os chefes militares (como o ministro Leônidas Pires, do Exército) teimam em defender a impunidade para esses senhores, esbravejando contra toda e qualquer tentativa de investigar a verdade sobre os crimes de que são acusados.

## Campos faz novo ataque contra a informática

O senador Roberto Campos (PDS-MT) encaminhou ao procurador-geral da República, Sepúlveda Pertence, uma representação solicitando a declaração de inconstitucionalidade da lei 7.323 e de todos os decretos-lei que dispõem sobre reserva de mercado para micro e minicomputadores e os instrumentos e recursos para o desenvolvimento nacional da informática.

O senador malufista inicia, assim, mais um lance na luta que vem travando contra a lei da informática. É provável que, a curto prazo, não obtenha vitória; que o procurador-geral da República não vacile em decidir pela improcedência da representação. Afinal, quando a lei foi aprovada pelo Congresso, em outubro do ano passado, todos os deputados e senadores votaram a favor (com exceção, é claro, do senhor Roberto Campos).

Mas é forçoso reconhecer em Bob Fields uma teimosia meio fanática na defesa de seus pontos de vistas - "um amontoado de idéias fascistas, afirmações infundadas e propostas de recolonização do Brasil". como observou o senador peemedebista Severo Gomes. Um manual de entreguismo, não propriamente novo e que teve campo para aplicação e foi muito exercitado durante os 21 anos de regime militar.

Na representação ("arguição de inconstitucionalidade", subscrita por outros parlamentares, a maioria do PDS), afirma que a lei da informática enseja "a ingerência do Estado no domínio econômico, fora dos casos previstos no art. 163 do Estatuto Maior". Lamenta-se, ainda, que, "invadindo área da competência específica da legislação comercial, a lei 7.323 inova no conceito de empresa nacional e desnacionaliza as sociedades de capital aberto" (grande parte delas na verdade controladas pelo capital estrangeiro).

O documento é carregado de "justificativas" constitucionais.



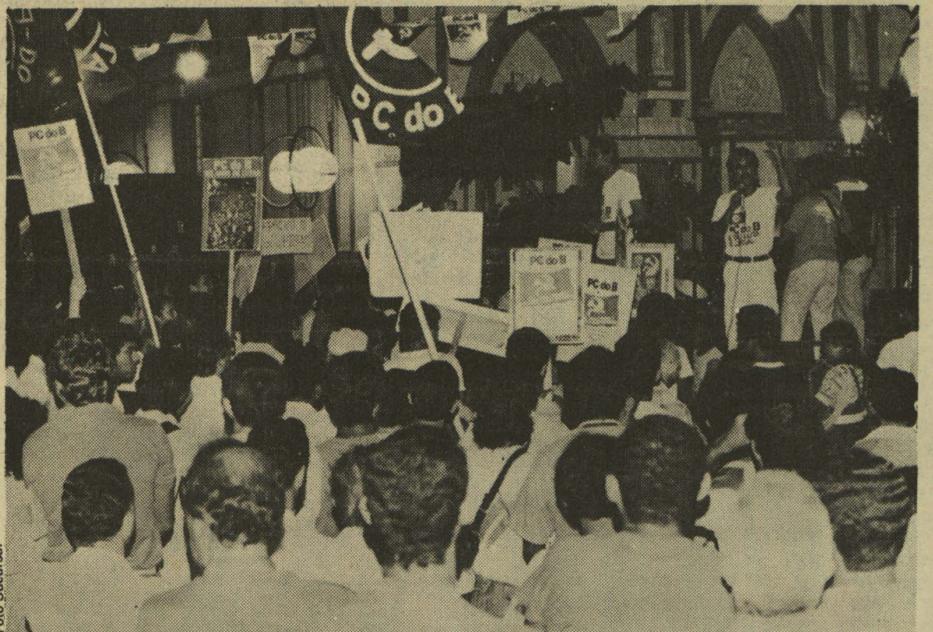
Possui, porém, um indifereçável conteúdo antinacional. Aí, cabe reconhecer que Bob Fields não fala nem age sozinho. Sua voz integra um coro bem orquestrado, que ultimamente anda ensaiando com inegável desenvoltura e intensidade.

É fato que os tempos são outros, respira-se maior liberdade, não é tão simples impor os interesses das corporações imperialistas. E mesmo defendê-los publicamente tornou-se mais complicado. Mas nem por isto arrefeceu a prepotência e a ganância do capital estrangeiro e seus porta-vozes no Brasil. Pelo contrário.

As investidas contra a lei da informática, as estatais e tudo quanto limite a atuação das multinacionais no país são cada vez mais furiosas. O próprio presidente dos EUA, Ronald Regan, tratou de fazer

ameaças abertas contra a reserva de mercado na área de computadores; as pressões imperialistas se dão, ainda, por meio do endurecimento do FMI e do crescimento do protecionismo norte-americano, entre outros.

Incentivado por este clima, o representante ianque para assuntos de comércio exterior com a América Latina Von Rosenbaum, fez ameaças abertas contra a lei de informática. Excedeu-se tanto que mereceu um puxão de orelha público do embaixador dos EUA no Brasil, Diego Ascêncio. Rosenbaum deve ter esquecido que o país já não vive sob a bota dos generais. Foi preciso que Ascêncio lhe explicasse que, na atual situação, às vezes é preferível agir através de testas-de-ferro como Roberto Campos ou por meio de pressões de bastidores. (Humberto Martins)



Álvaro Vilela, da direção regional do PC do B, fala aos mais de mil presentes à inauguração

## PC do B de Aracaju faz festa para inaugurar sede

Mais de mil populares compareceram à inauguração da sede do Partido Comunista do Brasil (PC do B) em Aracaju, Sergipe, dia 25. No ato foram filiados mais de 50 novos militantes, na sua maioria ligados a movimentos sindicais e de bairros.

O veterano comunista Luiz Gonzaga, que militou em 1946, comovido, declarou: "Foi com tristeza que vi o partido ser posto na ilegalidade, mas é com alegria redobrada que o vejo voltar à vida legal". Gonzaga militou no partido em Santos, São Paulo, e agora reencontrou-o em Sergipe.

O presidente da Comissão Diretora Regional Provisória, Álvaro Vilela, ressaltou a importância da participação dos comunistas na luta democrática, citando a atuação do

PC do B na guerrilha do Araguaia, nas organizações dos movimentos operários e populares, na luta pelas diretas e na campanha do candidato único das oposições, Tancredo Neves. "O PC do B não é contra o Brasil e a democracia, como caluniavam os entregadores de nosso país ao capital estrangeiro", ressaltou.

O candidato da Aliança Democrática (PMDB, PFL, PC do B e PCB) à prefeitura, Jackson Barreto, saudou os comunistas e reafirmou seus compromissos democráticos. O vice-governador Antônio Valadares referiu-se aos militantes do PC do B como "companheiros que têm dado uma valerosa contribuição na campanha da Aliança Democrática". O candidato a vice-prefeito, Viana de Assis, afirmou

estar confiante de que "certamente o PC do B continuará pondo em prática a defesa da unidade democrática rumo a novas conquistas, como a Assembléia Constituinte livre e soberana".

Elizabeth, presidenta da Associação de Moradores do Conjunto Eduardo Gomes, frisou: "Quando tinha 14 anos, eu vi os generais golpear o povo e hoje, com a ajuda de vocês, me vejo neste pânico, vestida com uma blusa vermelha". Estiveram presentes ainda várias outras lideranças populares, inclusive os presidentes do Sindicato dos Bancários, Abraão Crispim; do Sindicato dos Jornalistas, Célio Nunes; da Associação dos Artistas Plásticos, Bosco Rollemberg, e o deputado estadual de Itagoba, Eduardo Bonfim. (da sucursal)



Biolchini e um subordinado no atentado à UNB, segundo Nazareno

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

# O jogo sujo da direita e do PT

O Gallup concedeu 17 pontos ao sr. Eduardo Suplicy na pesquisa eleitoral de São Paulo. Os petistas ficaram eufóricos. Mas quem revelou mais entusiasmo ainda com este "êxito" do representante da ala esquerda da família Matarazzo foi o ultra-conservador "O Estado de São Paulo".

## "ESTADÃO" SE ANIMOU

A tal ponto o "Estadão" se impressionou que no domingo assinalou o fato na manchete da capa, em duas páginas centrais e em uma entrevista de meia página com o candidato petista. Desta forma combinam-se dois grandes porta-vozes do imperialismo na promoção do PT. As pesquisas tornam-se poderoso instrumento de propaganda eleitoral, e não é por acaso que uma empresa imperialista como o Gallup se dedica a este assunto - certamente com técnicas sofisticadas de manipulação da opinião pública.

A "subida" de Suplicy e o alvoroço do "Estadão" coincidem com uma questão chave na disputa eleitoral pela prefeitura de São Paulo: Jânio Quadros não consegue crescer e inclusive apresenta queda de prestígio, apesar do imenso aparato colocado a serviço de sua campanha, e o candidato das forças democráticas, Fernando Henrique, mantém e amplia a sua dianteira. A única esperança dos malufistas e amigos de Delfim Netto para derrotar o candidato do PMDB, apoiado pelo PC do B, seria provocar entusiasmo contagiante em torno de Eduardo Suplicy. Só desta forma seria possível impedir que na reta final um bom número de indecisos optassem por Fernando Henrique e até fazer com que alguns democratas se confundissem e abandonassem na última hora a sua candidatura em troca da esperança fictícia despertada em torno de Suplicy.

## ORQUESTRA DA DIREITA

Esta intenção fica ainda mais evidente quando comentaristas burgueses, analisando o resultado do Gallup, especulam que "provavelmente" os três candidatos, Jânio, Suplicy e Fernando Henrique, "chegarão embolados" no dia 15 de novembro. É sem a menor vergonha na cara, o sociólogo e dirigente petista, Francisco Weffort, endossa esta hipótese mirabolante em artigo assinado na "Folha de São Paulo". Tudo como numa orquestra bem afinada - o maestro neste caso poderia muito bem ser o tristemente famoso Golbery do Couto e Silva, um dos cabos eleitorais mais eficientes de Jânio Quadros, especialista em manobras e rasteiras.

Tudo isto cheira muito mal. Mas os trabalhadores, para atuarem na luta política, não podem permanecer ingênuos. Na luta de classes a burguesia recorre aos mais sórdidos expedientes para manter seu poder. E na batalha que se trava em nível nacional, o ponto chave neste instante é a Prefeitura de São Paulo. Uma derrota da Nova República neste principal centro político é vital para os planos da direita. E o PT é o seu auxiliar mais útil, uma vez que a candidatura do PDT e outras com igual propósito de dividir o eleitorado democrático fracassaram.

## ARRANCADA FINAL

Diante de tantas manobras, impõe-se um esforço dobrado de cada trabalhador consciente para esclarecer e mobilizar todas as correntes progressistas. Em cada fábrica, em cada bairro e em cada escola é indispensável um mutirão concentrado nestes últimos dias para amarrar os votos dos democratas. Nenhuma tarefa é, neste momento, mais importante. E no próprio dia 15, na boca de urna, o esforço organizado pode decidir o voto de milhares de indecisos. Derrotar a direita, apontar o jogo sujo dos diversionistas, conquistar a vitória dos democratas, eis o que orienta a atividade de quem pretende mudar o Brasil. (Rogério Lustosa)

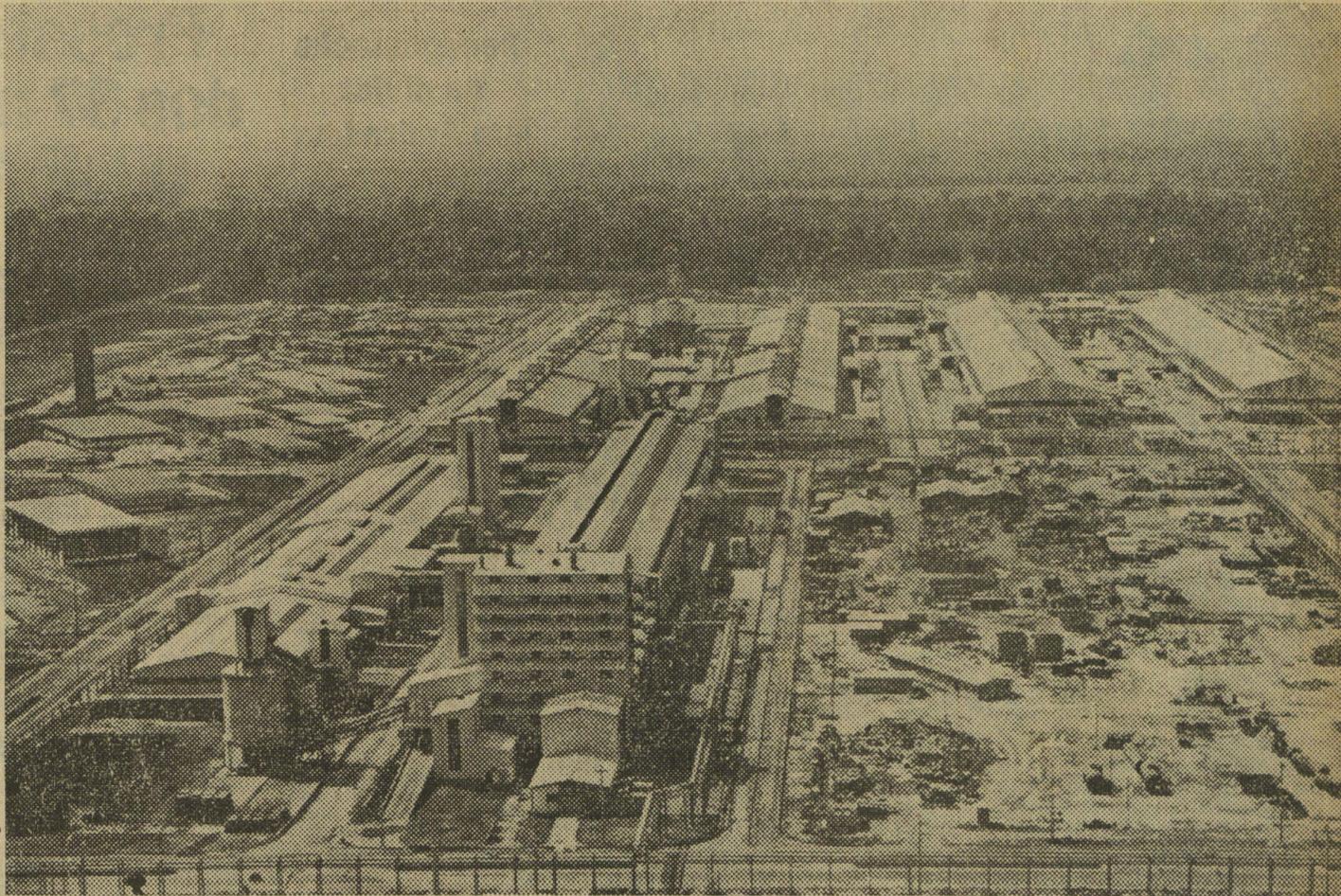


Foto: Miguel Chikako

No Projeto Albrás-Alunorte, o Japão tem controle cativo da produção, embora figure como sócio minoritário, e os operários bebem água em seus próprios capacetes

# Albrás não é um bom negócio

O governo José Sarney vem de inaugurar em Barcarena, Pará, um projeto industrial na área do alumínio que traz as marcas características da velha república fardada que o gerou: generosas concessões ao capital estrangeiro (no caso, o japonês) e regime de super-exploração da mão-de-obra assalariada, que na maioria nem tem carteira assinada.

Barcarena, sede do município com o mesmo nome, fica na região do Baixo Tocantins, a menos de duas horas de Belém do Pará, em viagem de barco, pelo rio Tocantins. Nesta última década a cidade passou por uma metamorfose econômica-social profunda, devido à implantação do grande complexo industrial Albrás-Alunorte, explorador de bauxita, que se transforma em alumina e alumínio. No último dia 24 o grandioso projeto foi inaugurado, na presença do presidente José Sarney, juntando-se a seus semelhantes no Pará: a hidrelétrica de Tucuruí, o Projeto Jari, o projeto Ferro-carajás e a exploração da bauxita do Trombetas.

Todos esses chamados grandes projetos, herdados do regime militar, somam investimentos superiores a 11 bilhões de dólares, ou seja, o equivalente a cem vezes o orçamento do Estado do Pará. A fábrica de alumínio recém-inaugurada se tornará, ainda no final desta década, a terceira maior unidade produtora de alumínio do planeta.

Existe no mundo um número muito reduzido de empresas que participam da produção de alumínio, e a possibilidade de implantação de fábrica deste porte está cada vez mais reduzida nos países desenvolvidos, devido ao aumento dos custos de energia e às restrições ecológicas, que só são superadas às custas de um investimento bem maior.

## Japoneses controlam mesmo sendo minoria

No Brasil - país que possui a terceira maior reserva de bauxita do mundo - os governos militares faziam todo o tipo de concessões para atrair investimentos estrangeiros destinados a este setor. E no caso desses grandes projetos, que exigem como condição fundamental o fornecimento de energia barata, o governo do general Garrastazu Médici criou em 1973 a Eletronorte-Centrais Elétricas do Norte do Brasil SA - da qual só a Albrás e sua vizinha maranhense, a Alumar, absorverão 40% da potência firme da hidrelétrica de Tucuruí. A qual, por sua vez, nos custou, só na sua primeira etapa, 5,6 bilhões de dólares.

Participam do empreendimento paraense a Nippon Aluminium Co. Ltda, NAAC, do lado japonês, e a Valenorte Aluminium, pela parte brasileira. Estão associadas à NAAC 33 entidades, tendo como principal acionista a Overseas Economic Fund, Oecef (um órgão do governo japonês). Entram aí também mais de 10 trading Companies (empresas de comércio), 16 empresas consumidoras e um banco privado - o Eximbank, que por sua vez lidera um pool (associação) integrado por 23 bancos particulares. Oficialmente, a NAAC detém

49% do capital social da Albrás e 39,2% da Alunorte (sendo que esta última está desativada). A Vale Norte é controlada pela Companhia Vale do Rio Doce, estatal brasileira. No entanto, o capital japonês é mundialmente célebre por sua habilidade em deter o controle de fato em empreendimentos onde aparentemente participa como sócio minoritário.

Barcarena poderia se tornar um distrito industrial, permitindo o surgimento de indústrias de transformação de metal, mas nenhuma indústria apareceu e nem se fala no assunto. A perspectiva é da Albrás não ser mais que uma fábrica cativa do consumidor japonês. Isto já ocorrerá de fato com a primeira etapa, reservada contratualmente para abastecer os japoneses. Dos 744 milhões de dólares que serão consumidos nessa fase, com a produção de 160 mil toneladas anuais, os japoneses entrarão com 70%, ou 513 milhões de dólares. Ocorre que, desta soma, apenas 109 milhões terão a forma de capital de risco; os restantes 404 milhões virão como financiamento, sendo que 13% deles são créditos vinculados a compras no próprio Japão, conforme dados do jornalista Lúcio Flávio. Os japoneses argumentam que esses empréstimos seriam concedidos a longo prazo, com juros baixos e carência para pagar.

Enquanto todo o povo brasileiro é atingido no pagamento da dívida externa, a implantação do projeto Albrás-Alunorte deixa nos moradores de Barcarena marcas indeléveis. A maioria vivia da pesca e da lavoura nas suas próprias terras, mas estas foram desapropriadas do dia para a noite, colocando milhares de famílias ao relento e à procura de outro meio de subsistência. Com o desmatamento, drenagem, construção de alojamentos, canteiros e das obras civis da primeira fase, aglutinou-se ali um grande contingente de trabalhadores que a cidade não estava preparada para receber.

Barcarena, que antes tinha uma população reduzida, cresceu assustadoramente, passando a sofrer sérias distorções. Na área reservada para implantar o projeto, Codebar - Companhia de Desenvolvimento de Barcarena, encarregada da execução e administração das obras e serviços de urbanização - criou uma nova cidade, toda equipada, destinada ao assentamento dos funcionários. Mas deixou na miséria e sem emprego o restante da população, considerada sem qualificação. Os antigos moradores não têm as mínimas condições de moradia, sem água encanada, sem atendimento hospitalar e até sem energia.

A população trabalhadora é tratada com desrespeito. A Albrás só contrata técnicos e operários qualificados, deixando o grosso do serviço para outras empresas. E estas, para

conseguir maiores lucros, repassam o serviço para empresas menores, que além de não assinar carteiras não oferece as mínimas condições de segurança no trabalho. Já ocorreram muitos casos de acidentes, inclusive fatais, como aconteceu recentemente na empreiteira Sul América de Engenharia, onde o operário João de Castro Pereira perdeu a vida ao cair de 30 metros de altura, e outro companheiro de trabalho ficou gravemente ferido.

Fala-se que haverá um grande desenvolvimento e que o Pará se tornará o principal Estado produtor de alumínio do Brasil, com a Albrás se

## Alimentação ruim e água só no capacete

responsabilizando por um quinto da produção brasileira. Porém para a maior parte da população, e dos trabalhadores, que são os responsáveis pela produção, as perspectivas não são promissoras. A própria Federação dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobiliário do Estado do Pará e Território Federal do Amapá, acionada pela Associação pré-sindical que se criou em Barcarena, constatou várias irregularidades. O transporte dos trabalhadores algumas vezes nem existe, e em outras se utiliza de caçambas. A alimentação, de péssima qualidade, é cobrada fora da tabela e consumida em local aberto. Não existe bebedouro e, quando há água, é bebida no capacete, por falta de tempo para

se buscar copos no alojamento. Falta banheiros e instalações sanitárias. O alojamento não oferece condições tranquilas de moradia. Além disso, constatou-se que diversas empresas não cumprem a convenção coletiva no que diz respeito a direitos trabalhistas. A maioria dos trabalhadores não tem carteira assinada, trabalha sob regime de produção e em geral não consegue atingir a semana seca em vigor.

Enquanto as empresas tudo fazem para lucrar às custas da grande obra, sugando o suor e o sangue dos trabalhadores, muitos destes últimos vivem sob pressão dos gatos e empreiteiros, num autêntico cativo, ganhando um salário míngua e em geral não consegue atingir a semana seca em vigor.

Logo que se anunciou a presença do presidente Sarney, os trabalhadores de Barcarena se reuniram na sua Associação para discutir uma pauta de reivindicações ao presidente. Entre outras coisas eles solicitam uma escola profissionalizante, pois via de regra a empresa não contrata os nordestinos, considerados desqualificados para o trabalho industrial. Na carta que escreveram, os trabalhadores afirmam que dão todo o apoio à afirmação de que "o Brasil não pagará a dívida externa com a fome do povo", e esperam, confiantes, que essas palavras se transformem em atos. Denunciam todas as arbitrariedades que sofrem e dizem esperar que as riquezas do nosso país sejam colocadas em benefício do povo brasileiro, dando um avanço nas mudanças democráticas. (da sucursal de Belém)

## OPINIÃO

# Projeto típico do "modelo"

Ninguém se iluda. Não é por vivermos um novo regime político, de transição democrática, que as coisas que eram ruins, ontem, se transformariam por milagre em boas. Os projetos mirabolantes, antipatrióticos e entreguistas concebidos e cozinhados durante a ditadura são o que são por sua própria natureza e concepção. Entre eles, o primeiro lugar cabe sem dúvida ao Projeto Grande Carajás, o Carajazão, aprovado em 1981 num texto cuja assinatura número um era a do ministro Delfim Netto. E o projeto Albrás-Alunorte, recém-inaugurado, é parte do Carajazão.

Os tecnocratas que conceberam o empreendimento, no governo Figueiredo, não fizeram segredo disso. Em seu documento, eles devido à bola de neve da dívida externa. E optavam pela opção do entreguismo:

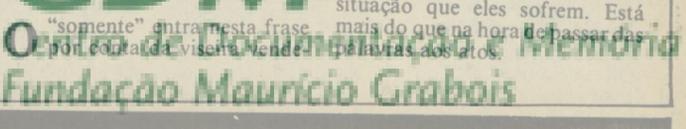
"Somente um projeto grandioso e com características e centenas de exportação - dizem - poderia cobrir o período crítico dos próximos anos".

"Somente" entra nesta frase, por conta de visões vendidas.

pátria que impedia os tecnocratas da ditadura de enxergar soluções para os problemas brasileiros fora da submissão crescente ao capital estrangeiro. Foi dentro dessa bitola que criou-se o chamado "modelo brasileiro", supostamente para transformar-nos na grande potência do ano 2000, mas na realidade para deixar-nos onde estamos hoje - na condição de cativos da dívida externa e dos monopólios multinacionais.

Ora, esse "modelo brasileiro" fracassou. Como tese, está morto e enterrado. Seu fiasco foi, aliás, uma das causas objetivas da derrocada da ditadura. Sua obra maléfica, porém, está aí, em empreendimento como o de Barcarena. Na prática da economia, pouco ou nada mudou até agora em relação ao famigerado "modelo" dos militares.

Têm razão, portanto, os trabalhadores da fábrica Albrás-Alunorte ao confrontar as palavras de Sarney - "o Brasil não pagará a dívida externa com a fome do povo" - com a aflitiva situação que eles sofrem. Está mais do que na hora de passar das palavras aos atos.



## DE OLHO NO LANCE

# Diplomacia ianque

John Rosenbaum, representante dos Estados Unidos para assuntos de comércio exterior com a América Latina, criticou a lei de reserva de mercado da informática brasileira. Imediatamente o embaixador americano, Diego Asencio, declarou que isto era uma "burrice" pois acirrava o sentimento nacionalista dos brasileiros. Em outras palavras, o embaixador também é contra a lei da informática mas trata de abotá-la por meios diplomáticos e não pelo combate frontal. Para este trabalho de sapa os EUA contam com seus agentes infiltrados em diversos escalões - em particular com o senador Roberto Campos, que desde o início procura abrir este mercado para o capital estrangeiro, especialmente o norte-americano (veja página 4). O imperialismo usa diversas formas de pressão para garantir seus interesses no Brasil: a chantagem econômica, instituindo taxas extras sobre os produtos brasileiros vendidos nos EUA, ou então fazendo ameaças em relação a acordos sobre a dívida externa; a propaganda, que atinge tanto governantes como a população em geral; medidas diplomáticas e outras. O embaixador Diego Asencio é um hábil negociador. É possível inclusive que a "cena" com o funcionário Rosenbaum tenha sido ensaiada.

## CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Sem direito à sindicalização e com jornada de 8 horas, os funcionários da CEF pararam

## Adesão total à greve da Caixa Federal

A reabertura das negociações com a Caixa Econômica Federal foi o principal resultado da greve nacional dos economiários, dia 30. Dentre as principais reivindicações da categoria está a redução da jornada de trabalho: "Somos os únicos bancários do país que não trabalham 6 horas", denunciou o Comando Nacional de Greve.

O presidente da CEF, Marcos Freire, afirma que o atendimento das reivindicações depende do ministro da Fazenda, Dilson Funaro. O ministro, por sua vez, diz que a redução da jornada de trabalho depende de decisão do Congresso Nacional.

Mas os economiários denunciam que "o projeto de lei que nos devolve a jornada de 6 horas foi retirado da pauta da Câmara desde 2 de maio, face às ameaças do governo de emendá-lo.

Além disso, ao longo dos últimos anos, quando a Caixa cresceu mais de 600%, todos os benefícios que compensavam nosso baixo salário foram cortados. O arrocho salarial nos arran-

cou cerca de 35% de nossos vencimentos e nem mesmo o abono nos foi concedido, embora o tenha sido à maioria dos bancos oficiais e particulares".

Essas informações são do Congresso Nacional dos Empregados da CEF, que acrescenta: "Temos trabalhado 10, 12, 15 horas por dia e as horas extras não nos são pagas. Isso quando a CEF gasta apenas cerca de 3% de suas despesas globais com pessoal. Nossos aposentados, após 35 anos de trabalho ou mais, recebem salários ainda mais baixos."

Segundo o economiário Cássio Utsch de Leão, "o piso salarial da maioria dos 40 mil funcionários da Caixa é de Cr\$ 950 mil, insu-

ficientes para cobrir as despesas de manutenção da família". Além do mais, os funcionários da CEF não têm direito à sindicalização.

No dia 30 não funcionaram as 340 agências gaúchas, 35 do Mato Grosso, 48 de Goiás, 70 da Bahia, 27 do Maranhão, 29 de Alagoas, 36 do Rio Grande do Norte, 32 do Pará, 42 do Amazonas, 17 de Sergipe. Na capital paulista a adesão ao movimento foi de 100%; no interior, de 95%. Em Minas, 85% dos 4.500 economiários entraram em greve, e a CEF apelou para estagiários e até para pessoas alheias ao seu quadro funcional para fazer funcionar algumas agências do interior. No Espírito Santo, apenas 5 agências funcionaram no dia 30. Após essa demonstração de força, os economiários anunciam que, se suas reivindicações não forem atendidas, entram em greve por tempo indeterminado a partir do dia 6.

## Renegociação da dívida em Andradina

Cerca de 360 lavradores da Fazenda Primavera participaram da assembleia de sua associação, dia 26, em Andradina, São Paulo. Mais de 350 famílias, que antigamente arrendavam essas terras para o plantio de algodão, milho etc., hoje estão assentadas como lavradores, donas da terra onde trabalham.

Mas os trabalhadores estão preocupados com suas dívidas com o Banco do Brasil, difíceis de serem saldadas. Um lavrador teve que recorrer a terceiros que lhe emprestaram dinheiro a 20% ou 25% de juros, para poder cuidar de seu plantio.

Os lavradores pretendem conseguir a negociação coletiva de suas dívidas: "Esta fazenda é uma terra para os que trabalham e não têm terra. Não é para advogado, comerciante ou fazendeiro. Aqui estão os interesses dos 356 parceiros", argumentam. Na assembleia, além desse problema, os trabalhadores ainda trataram do custeio da Caixa Econômica Estadual, avaliaram a atuação de três meses do Inera, e elegeram uma comissão para organizar a eleição da nova diretoria da Associação 8 de Julho dos Moradores da Comunidade Primavera.

## Entidade de mulheres em B. Gonçalves

Foi lançada oficialmente, dia 26 de outubro, a União de Mulheres de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, na Câmara dos Vereadores dessa cidade. Cerca de 150 mulheres participaram das caravanas organizadas nos bairros para o lançamento da entidade, que contou com a presença de diversos representantes sindicais, de associações de moradores, de professores, da Câmara e do prefeito.

Estiveram presentes representantes da União de Mulheres de Caxias do Sul e de Porto Alegre, a presidenta da Câmara dos Vereadores de Caxias do Sul e a atriz Maulise Sauerisig. Na ocasião foi aprovado o estatuto da entidade e eleita sua primeira diretoria, presidida por Dolores Sanches Wunsch. Muitas mulheres se manifestaram e reforçaram o lema da entidade: "Lutar para unir as mulheres. Unir as mulheres para lutar".

A União de Mulheres, através de sua comissão provisória, realizou um trabalho de formação de núcleos da entidade. Um deles, do loteamento municipal I, realizou um levantamento intitulado "Onde fica seu filho enquanto você trabalha?", que concorreu para a luta das mulheres por uma creche no bairro. (da sucursal)

## Chapa 1 vence eleição dos rodoviários

Por uma diferença de 989 votos, a situação venceu a eleição para nova diretoria do Sindicato dos Condutores de Veículos de São Paulo, realizada na semana passada. A chapa 1 teve 6.603 votos, contra 5.614 dados à chapa oposicionista e apenas 1.482 conseguidos por uma articulação divisionista, formada por setores vinculados à corrente petista.

A chapa 2, formada pelas lideranças mais combativas e consequentemente da categoria, foi prejudicada por diversos fatores. A CMTC, poucos dias antes das eleições, reduziu a jornada de trabalho dos funcionários, numa jogada bem aproveitada pela diretoria. Apesar disso, a oposição venceu nas garagens de ônibus, onde está concentrado o grosso da classe. Mas perdeu nos diferenciados (indústria e comércio).

No entanto, o fator que mais prejudicou a verdadeira oposição foi a campanha da chapa divisionista, articulada e financiada publicamente pela atual diretoria do Sindicato. Esta arrancou o número de votos suficientes para conservar o imobilismo na direção sindical.

Terminada a eleição, agora a oposição tem como principal tarefa fortalecer o Sindicato, preparar a próxima campanha salarial e vigiar a diretoria eleita para que ela não traia a categoria.

# Prossegue a greve dos 37 mil servidores públicos da Bahia

Diversas categorias do funcionalismo público da Bahia continuam em greve por melhores salários e condições de trabalho. Estão parados os médicos, outras categorias ligadas à área de saúde e os professores, reunindo cerca de 37 mil servidores do município de Salvador e do Estado. No caso dos médicos, a greve já dura mais de três semanas.

As lideranças grevistas são unânimes em afirmar que esta é a maior mobilização do funcionalismo na história da Bahia. Além de unificar os trabalhadores do setor público, a greve elevou o nível de politização dos servidores, que tiveram que enfrentar a arrogância do governador João Durval. Este, no início do movimento paredista, afirmou que não negociaria com grevistas. Mas já teve que ceder.

O secretário da Saúde, Nelson Barros, após diversas rodadas de negociações infrutíferas, já apresentou uma contraproposta aos funcionários da saúde do Estado. Agora as assembleias avaliarão a proposta governamental. Para o secretário-geral do Sindicato dos Médicos, Arnaldo Jacobina, "a proposta ainda não satisfaz os anseios da categoria, que insiste na equiparação salarial com os médicos do Inamps".

Segundo sua avaliação, o único dado positivo da contraproposta "é que ela veio reabrir os canais de negociação que estavam fechados entre o governo e os servidores, por culpa exclusiva da intransigência governamental". Já a presidenta do Sindicato dos Enfermeiros, Cristina Melo, acredita que a categoria deva rejeitar a proposta, "pois há condições de obter mais".

"A reabertura das negociações significou o reconhecimento da força do movimento paredista", avalia Alfredo Boa Sorte, membro do Comando de Greve dos Médicos.

Para ele, "o governo demonstrou total despreparo para negociar. Reunindo visões dos carlistas, juracistas e durvalistas, o governo ora afirmava uma coisa, ora outra". Agora os grevistas deverão solicitar a obstrução da mensagem do governo definindo os aumentos na Assembleia Legislativa, realizar vigílias e manter a greve até que seja enviada a mensagem com os índices reivindicados.

## ENTERRO DO "ABNEGADO"

Reivindicando principalmente reajuste salarial de 200% e regulamentação do Estatuto do Magistério, mais de 17 mil professores da rede oficial de ensino da capital e do interior entraram em greve a partir do dia 29 de outubro, suspendendo as aulas em 300 escolas de Salvador. Maria José Rocha Lima, presidenta recém-empossada da Associação dos Professores Licenciados da Bahia, acredita que a adesão ao movimento seja total nos próximos dias, alastrando-se pelo interior.

No primeiro dia de paralisação, os professores realizaram assembleias em 11 zonas da cidade. Nas escolas, em lugar das aulas, apresentaram uma série de atividades culturais e de lazer. Também os docentes da Universidade do Sudoeste, Universidade do Estado da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana entraram em greve.

No Dia do Funcionalismo Público, 28 de outubro, todas as categorias em greve realizaram uma passeata até Jardim da Piedade, em Salvador. Neste local fizeram o enterro simbólico do governador João Durval e de um funcionário que morreu de fome, o "Abnegado Silva". Demonstrando grande combatividade, gritando palavras-de-ordem como "funcionário unido, jamais será vencido", os servidores públicos deixaram clara sua disposição de prosseguir o movimento até a vitória. (da sucursal)



Dalva: "O congresso consolidou em definitivo a liderança da Famobh"

## Associações comunitárias fazem congresso em Belo Horizonte

Realizou-se, nos dias 26 e 27 de outubro, o II Congresso da Federação das Associações de Moradores de Bairros, Vilas e Favelas de Belo Horizonte. Mais de 2 mil pessoas participaram do evento, sendo que cerca de 1.500 eram delegados, representando aproximadamente 150 associações.

O Congresso evidenciou a representatividade da Famobh, que atualmente conta com 187 entidades de moradores filiadas. Revelou também a evolução da consciência política nos últimos anos. Os delegados aprovaram por esmagadora maioria o apoio crítico à Nova República e às bandeiras políticas de mudanças que ainda se fazem necessárias: rompimento dos acordos com o FMI e a suspensão do pagamento da dívida externa; apoio à reforma agrária antilatifundiária; trimestralidade; redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais; e constituinte livre e soberana.

Nas questões específicas, os congressistas enfatizaram a necessidade do respeito absoluto à autonomia das associações comunitárias e da Famobh. Aproveitou-se ainda a luta pela criação de Conselhos Populares que sirvam de canal de participação nas decisões e no controle da administração municipal. Quanto à escolha dos Administradores Regionais de Belo Horizonte, o congresso se posicionou pelo direito que têm as associações de opinarem sobre o nome a ser indicado. O programa de lutas aprovado inclui também a aplicação imediata do Pró-Favela, a completa reformulação da política da Metrobel e do programa da alimentação escolar.

A eleição para nova diretoria da Famobh refletiu a politização existente durante todo o transcurso do

congresso. De um lado, a grande maioria de delegados interessados na unidade do movimento comunitário, no fortalecimento das entidades, com a compreensão do momento político especial que o país vive e com as tarefas que se impõem para avançar a democracia.

De outro, um grupo minoritário, vinculado à corrente petista, para quem a Nova República em nada difere do regime militar derrotado. Apesar dos apelos para a formação de uma chapa unitária, este último preferiu apresentar chapa própria. Sua derrota foi fragorosa, na proporção aproximada de 6 para 1 voto.

Dalva Estela, reeleita presidenta da Famobh, ressaltou que "o congresso teve dois pontos altos. O notável interesse dos delegados na discussão dos grandes temas políticos nacionais e o aumento da representatividade da entidade, consolidando-se em definitivo a liderança da Famobh em Belo Horizonte".

Para Rosilene Batista, eleita secretária-geral da Federação, "a chapa vitoriosa representa de forma ampla o que há de mais avançado no movimento comunitário e significa um salto de qualidade na organização dos moradores da capital mineira".

## PRESENÇA DO PC DO B

O Partido Comunista do Brasil participou ativamente do congresso através de dezenas de militantes que atuam nas diversas comunidades. Além disso, foram recebidos com grande entusiasmo os adesivos do PC do B em apoio ao candidato Sérgio Ferrara. Além disso, também muito sucesso a edição especial da Tribuna Operária sobre as eleições da família. (da sucursal)



Muita vibração no VI Congresso de uma entidade que se enraíza nas escolas paulistas

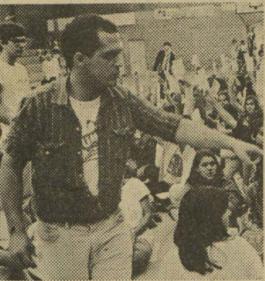
## Viração-secundarista vence quatro importantes congressos

Os estudantes secundaristas realizaram quatro congressos nos dias 26 e 27, fortalecendo suas entidades, elegendo novas diretorias e tirando programas de luta. Junto a três deles aconteceram seminários sobre educação, onde se tirou propostas para "Uma Nova Escola".

Mostrando amadurecimento político e a unificação de uma orientação nacional, os estudantes aprovaram o apoio crítico à Nova República, rompimento dos acordos com o FMI, aplicação do plano inicial de reforma agrária. Eleições diretas para diretor de escola, campanha pela reconstrução dos Grêmios Livres e a conquista de um ensino público gratuito, democrático e voltado aos interesses da população - nortearão os trabalhos das novas diretorias.

## OS CONGRESSOS

O VI Congresso da UMES de São Paulo reuniu mais de 300 delegados de dezenas de escolas de 1º e 2º graus da capital. A entidade,



Marcos, presidente da UMES agora legalizada, com sede e mais presente nas escolas, elegeu Marcos Leodoro, da Escola Maria José, para presidente. Dirigindo-se aos delegados, Marcos afirmou que "a UMES, além de lutar ao lado do povo brasileiro pela consolidação da democracia, exigirá o respeito aos direitos dos estudantes e sua participação nas decisões".

Em Campinas, o Ginásio Alberto Krun do Colégio "Culto à Ciência" recebeu em torno de 230 delegados ao Congresso da União Campineira dos Estudantes Secundaristas. Realizado num clima de luta pela aplicação da Lei Calmon, pois a Prefeitura tem procurado

criar dificuldades alegando que a rede municipal já atende às necessidades atuais, os estudantes elegeram Serginho, estudante de 8ª série e de apenas 14 anos, para dirigir a entidade.

Em Osasco, o II Congresso Municipal contou com a participação de 60 delegados de 21 escolas. Com debates e música nos intervalos, os delegados elegeram a Chapa "Construir a Nova Escola", tendo à frente Ricardo Cunha, com 95% dos votos.

O maior Congresso e mais representativo foi em Belém-Pará, mais de mil estudantes, sendo 800 delegados de quase 100 escolas, elegeram no IV Congresso da UMES a chapa "Construir a Nova Escola", encabeçada por Humberto Mariano de Almeida.

Quatro Congressos e quatro vitórias da União da Juventude Socialista e de Viração, que junto com outras correntes e lideranças de escolas levarão a luta dos estudantes adiante. (Apolinário Rebelo)

# Metalúrgicos e outras categorias deliberam:

# Greve geral começa dia 5

Agora já está decidido. A partir da zero hora de terça-feira, dia 5, a Grande São Paulo presenciara um dos maiores movimentos grevistas da sua história. A assembleia dos metalúrgicos, com cerca de 15 mil presentes, aprovou por unanimidade a greve. O mesmo ocorreu em Guarulhos, onde mais de 8 mil metalúrgicos rejeitaram a contraproposta patronal. Os químicos de São Paulo, ABC e Campinas e os plásticos - num total de 170 mil trabalhadores - realizam assembleias na sexta-feira, mas os dirigentes sindicais garantem: "Agora todo mundo pára junto". Outras categorias, como marceneiros (35 mil na base) e padeiros (35 mil), também deverão aprovar a greve. São mais de 600 mil proletários prontos para cruzar os braços.

Na mais numerosa categoria operária do país, a dos metalúrgicos da capital paulista, a disposição ficou evidente na assembleia da noite de quinta-feira, dia 31. Caravanas de trabalhadores chegavam de várias fábricas; passeatas pela rua do Carmo carregavam faixas e cartazes feitos a mão; palavras-de ordem eram gritadas por todos ("Ou dá o trimestral ou é greve geral"; "Se a Fiesp não ceder, o pau vai comer" - eram as preferidas).

Só da Ford do Ipiranga vieram 1.100 operários (metade do contingente da multinacional). A comissão de Fábrica da Mafersa mobilizou uns 400 operários para a assembleia e a da Mapri 300. Mesmo de fábricas de porte médio e pequeno - Echilin, Esmaltarte, Artub e outras - chegavam passeatas. Na Filizola, zona norte, a empresa deu um pequeno aumento durante o dia, procurando evitar o deslocamento para a assembleia; os operários pararam a produção e lotaram um ônibus para a rua do Carmo.

O Hino Nacional, cantado em uníssono pelos presentes, com os punhos cerrados, deu início à assembleia. Mais de 15 mil pessoas lotavam a praça Clóvis e trechos da rua do Carmo. Joaquim Andrade, presidente do Sindicato, leu a contraproposta da Fiesp - a mesma apresentada para as outras categorias. A cada item lido a vaia era estrondosa.

## Fiesp tenta dividir as categorias

Visivelmente, a Fiesp (entidade patronal) percebeu perigo. Tanto que fez uma contraproposta hábil para dividir as categorias. Deu 12% de aumento real, além do INPC integral para todas as faixas. Mas em compensação propôs uma antecipação trimestral de apenas 80% da variação do INPC para o mês de fevereiro - o que representa um recuo com relação ao acordo do ano passado, quando o trimestral foi fixado para fevereiro e agosto.

Também no item redução da jornada de trabalho os patrões não deram ponto sem nó. Sua proposta foi de redução escalonada, até chegar a 44 horas a partir de junho de 1987. Só que descontaram os 30 minutos de café diário, o que na realidade representaria nenhuma redução no ano que vem.

A contraproposta patronal foi rasgada na assembleia e Joaquim Andrade apresentou a posição da diretoria do Sindicato: "Nós avaliamos a contraproposta patronal e consideramos fraca. A categoria só tem uma resposta: greve". A praça Clóvis explodiu num único grito: "greve, greve".

Após a decisão unânime, Eustáquio Vital, diretor sindical, apresentou as orientações: "Nossa greve será feita com os operários na rua. Vamos orga-



Foto: César Diniz

nizar piquetes para parar todas as fábricas da capital. A partir de agora realizaremos reuniões diárias para organizar os comandos de greve. Cada fábrica deverá indicar dois companheiros para participar do comando. Os empresários já estão desesperados, fazendo longas reuniões com os operários e propondo acordos em separado. Mas ninguém vai assinar a acordos isolados. O que vier para um, deve vir para todos". E por último, insistiu: "Para ser vitoriosa, a categoria vai ter que marchar unida e seguir um único comando: o do Sindicato".

No final da assembleia, a alegria era geral. "Agora é a nossa vez", afirmavam os operários. Um ferramenteiro da Villares que carregava um cartaz ("Chega de Migalhas") não continha seu contentamento: "Desde 79 que a categoria não pára. Agora chegou a nossa vez. Os patrões estão tremendo. A produção está crescendo. A firma tem muita encomenda. Com um pouco de coragem, a gente derruba os patrões em poucos dias".

Nas demais categorias que participam da campanha unificada a vibração é semelhante. Na assembleia dos metalúrgicos de Guarulhos a contraproposta da Fiesp foi rejeitada com uma poderosa vaia. Os 8 mil operários que lotaram o Ginásio de Esportes foram unânimes em decretar a greve para o dia 5. Segundo Sebastião Nascimento, diretor sindical, "nós vamos comunicar a decisão da categoria para os patrões. Vamos tentar reabrir as negociações. Caso não haja nenhuma melhora, dia 5 pára tudo".

## A greve já unifica mais de 600 mil

Outra categoria que decidiu parar, os padeiros, já está com tudo organizado para a madrugada de terça-feira. O comando de greve, com cerca de 80 trabalhadores, organizou vários piquetes por bairros. Segundo Antônio Pereira dos Santos, presidente do Sindicato, a "revolta da categoria é muito grande. A esmagadora maioria da classe ganha abaixo de três salários mínimos". Para este setor o patronato foi ainda mais mesquinho. Ofereceu apenas 4% de produtividade e 50% de antecipação trimestral".

Os químicos de São Paulo, Campinas e ABC, além dos plásticos, que negociaram conjuntamente com a Fiesp, realizaram assembleias nesta sexta-feira, dia 1º. Mas o clima já é de greve. Jorge Coelho, diretor do Sindicato dos Químicos de São Paulo, garante: os 170 mil operários do setor vão parar. "Principalmente depois que os metalúrgicos decidiram pela greve, a coisa esquenta na nossa base. Com unidade os trabalhadores ganham mais confiança na luta".

Além dessas categorias, também os metroviários - que negociam com o governo estadual - decidiram paralisar. A categoria conhecida por sua combatividade, poderá representar um grande reforço ao movimento. Cláudio Spicciati, presidente do Sindicato, afirma que "na assembleia do dia 5 a tendência é aprovar a greve. O Metrô não aceitou nossas reivindicações e a categoria vai à luta para conquistá-las".

Até agora, apenas duas categorias que participam da campanha unificada aceitaram fechar acordos com os empresários: os metalúrgicos de Osasco e os têxteis da capital. Na primeira, a assembleia, com mais de 10 mil operários, analisou sua organização para a greve, preferindo encerrar a campanha. Em Osasco, a redução da jornada de trabalho - que poderia ser o principal empecilho a um acordo - não pesa. Quase 90% da categoria já conquistou a redução a partir das greves isoladas.

Já nos têxteis, que tem data-base em 11 de novembro, preferiram se antecipar, assinando o acordo. Na assembleia, com mais de mil trabalhadores, a proposta patronal foi considerada satisfatória. Mesmo os

poucos ativistas da CUT preferiram silenciar.

Há grande expectativa com relação à greve da próxima semana. E a maioria dos dirigentes sindicais, principalmente os que jogam no avanço da luta operária, está confiante na vitória.

## Fatores que contribuem para vitória

A indústria tem vivido um certo crescimento nos últimos meses. As empresas têm aumentado a produção; as horas-extras são constantes; e inúmeras encomendas de fim de ano já estão feitas. Isto ajuda a greve e empurra o patronato para uma solução.

Outro fator, é o próprio clima de liberdade conquistado no país. O governo da Nova República tem reafirmado que não intervirá nos Sindicatos e nem cassará as diretorias sindicais. "Essa greve é contra o patrão. Não tem nada com o governo. A gente acredita que ele não vai se meter", comenta um membro da comissão provisória da Mapri. Os operários se sentem mais livres. Prova disso, é o crescimento da mobilização operária nos últimos meses.

E, por último, é de grande importância, é o fator da unidade. A articulação da campanha unificada tem reflexos na base e nas negociações. Afinal, segundo cálculos parciais, a partir de 5 de novembro mais de 600 mil trabalhadores estarão parados.

"Agora é nossa vez", gritavam os metalúrgicos ao aprovarem a greve

## A união faz a força

O impulso da safra de campanhas salariais destes dias em São Paulo se deve, em grande parte, à unificação do movimento. São nada menos que 25 categorias, com seus sindicatos, somando mais de 1 milhão de trabalhadores, na sua esmagadora maioria operários industriais. E cada um deles, ao constatar que luta ombro a ombro com tantos companheiros, multiplica seu entusiasmo e redobra seus esforços. Todos os dirigentes sindicais empenhados no movimento, sejam da Conclat ou da CUT, ou não sendo de nenhuma destas articulações, coincidem neste ponto.

Nas assembleias, o apoio à unificação salta aos olhos. Na dos metalúrgicos de São Paulo, quinta-feira, cada vez que se fazia uma referência aos 25 sindicatos, era um delírio dos participantes.

### PAUTA CONJUNTA

A unidade avançou na ação concreta, não a partir de discussões de ordem geral, mas das necessidades impostas pela luta sindical imediata. Um de seus pressupostos é a coincidência das datas-base destas categorias, que caem em dias relativamente próximos. Outro, é o fato de que quase todos os trabalhadores em campanha de frente com um único adversário do outro lado da mesa de negociações - a poderosa Fiesp, entidade dos capitalistas industriais de São Paulo. Os trabalhadores, inclusive, insistiram em fazer também uma negociação conjunta, tal como os patrões, mas a Fiesp, usando dois pesos e duas medidas, recusou-se terminantemente a aceitar.

Com base nisso, não foi difícil confluir para uma pauta básica de reivindicações unificadas - aumento real de 20% nos salários, trimestralidade e semana de 40 horas. Formou-se uma instância de deliberação conjunta, batizada informalmente como Fórum da Campanha Unificada. E, sempre respeitando a autonomia de cada categoria, partiu-se para o esforço de unificação do movimento, com evidente saldo positivo.

A prática unitária, contudo, esbarra ainda em dificuldades, que não são pequenas, embora possam ser ultrapassadas. A divisão CUT-Conclat, consumada em 1983, cria nas cúpulas sindicais um clima frequentemente acirrado, tenso, exatamente o reverso do entusiasmo amplo, geral e irrestrito com a unidade, que transparece na massa operária. Trabalham contra a unificação aqueles dirigentes sindicais que temem que ela dificulte este ou aquele conchavo, esta ou aquela eleição. E trabalham contra a unificação aqueles setores da CUT desejosos de abocanhar a direção do movimento através de iniciativas paralelas.

### O QUE ATRAPALHA

No Fórum, a CUT estadual de São Paulo representada por seu presidente, Jorge Coelho, dos químicos, assumiu formalmente, junto com a Conclat e todos os sindicatos engajados na campanha, o compromisso de respeitar a autonomia de cada entidade. No entanto, logo em seguida começaram a circular folhetos, com o timbre da CUT, atacando decisões já tomadas em assembleia, estimulando a desconfiança entre os trabalhadores com frases tipo "cuidado com os dirigentes traidores" e arrogando-se vaidosamente todos os méritos, com afirmações como "quem garante a nossa luta é a CUT". Até assembleias "suas" à revelia dos sindicatos - naturalmente com magros resultados.

As conseqüências dessa atividade transpareceram na assembleia dos metalúrgicos de São Paulo, com vaia a sindicalistas que não são do agrado da CUT, revidadas com outras tantas que chegaram a impedir os cutistas de usarem a palavra. Evidentemente, tanto umas como outras não ajudam a empurrar para frente o movimento. A esperança que fica é de que, com base nos passos unitários que já foram dados, a pressão vinda de baixo, das fábricas, termine passando por cima dessas mesquinhas, o que só vai ajudar a

## ESTUDE O MARXISMO-LENINISMO

<b>MARX</b>	
Formações econômicas pré-capitalistas	Cr\$ 21.200
Salário, preço e lucro	Cr\$ 10.400
Trabalho assalariado e capital	Cr\$ 9.200
<b>ENGELS</b>	
Dialética da natureza	Cr\$ 34.000
Do socialismo utópico ao socialismo científico	Cr\$ 14.500
Origem da família, da propriedade privada e do Estado	Cr\$ 20.000
<b>LENIN</b>	
O trabalho do partido entre as massas	Cr\$ 20.000
As 3 fontes e as 3 partes constitutivas do marxismo	Cr\$ 15.000
Imperialismo, fase superior do capitalismo	Cr\$ 23.200
<b>STALIN</b>	
Problemas econômicos do socialismo	Cr\$ 20.000
Questões políticas	Cr\$ 12.000
Materialismo dialético e materialismo histórico	Cr\$ 11.700
<b>ENVER HOXHA:</b>	
Albânia - 40 anos desbravando a história	Cr\$ 10.000
Reflexões sobre China - 2 volumes - cada vol.	Cr\$ 20.000
Discurso aos eleitores	Cr\$ 3.000

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante o envio de cheque nominal ou vale postal para Editora Anita Garibaldi Ltda. - Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1.511 - CEP 01317 - São Paulo - SP.

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

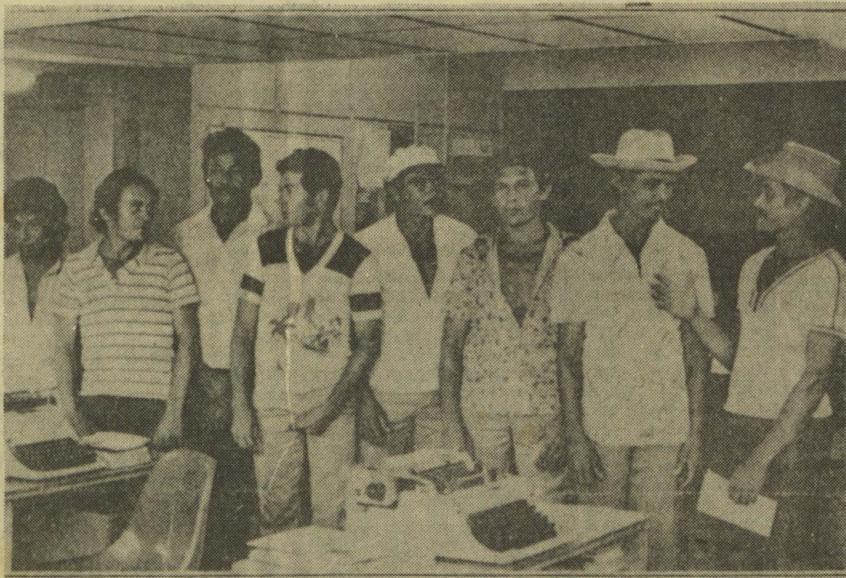
# Trabalhadores rurais são torturados em Itapipoca

Por ordem do secretário de Segurança Pública do Ceará, Feliciano de Carvalho, oito trabalhadores rurais da fazenda Capim Açú, no município de Itapipoca (CE), foram presos por 12 homens das polícias Civil e Militar no último dia 7 de outubro. Além de permanecerem três dias incomunicáveis em Itapipoca, os agricultores sofreram espancamentos, choques elétricos e ameaças de todo tipo por parte da Polícia Civil.

Por si só, o fato de terem sido presos sem mandato judicial de prisão já caracteriza a ilegalidade da ação policial. Diga-se de passagem que o secretário de Segurança Pública, que ordenou a detenção dos trabalhadores, é conhecido pela população de Fortaleza por sua truculência e arbitrariedade. Em várias ocasiões, esteve à frente de arbitrariedades, como a repressão às passeatas de estudantes, que motivou inclusive um pedido de sua exoneração.

A prisão e tortura dos agricultores é mais um desdobramento da luta pela terra no município de Itapipoca. Desde 1945, 42 famílias moram na comunidade de Capim Açú, onde construíram praticamente tudo o que lá existe: casas, cercas, cacimbas, etc.

Em 1982, o empresário João Hudson Carneiro Saraiva, começou a ameaçar as famílias moradoras de



Os agricultores sofreram espancamentos, choques elétricos e ameaças da Polícia Civil

Capim Açú. Começou cobrando renda de 20% sobre o algodão produzido pelos agricultores e mandou proibir a venda dos produtos dos trabalhadores. Também proibiu que eles se retinsem na propriedade (Hudson afirma que é dono de Capim Açú).

Foram bárbaras as torturas sofridas pelos trabalhadores, que as denunciaram à Polícia. No seu depoimento, Manoel Araújo da Silva, 35 anos, um dos agricultores detidos, diz que o policial "de nome Magalhães" lhe aplicou choque "com um fio elétrico instalado nos testí-

culos", além de "pancadas com uma palmatória". Outros agricultores fizeram denúncias semelhantes.

Já o empresário João Hudson Carneiro Saraiva demonstrou mais uma vez o desprezo e o cinismo com que trata os trabalhadores, tachando-os de "mentirosos, ladrões e cachaceiros. É gente da pior espécie que só quer criar conflito", acrescentou. No dia que saíram da prisão, os trabalhadores estavam cercados por policiais fortemente armados, como criminosos de alta periculosidade".

Esses fatos mostram que o

militarismo e a arbitrariedade tacanha ainda está muito presente no Brasil. E volta-se sempre contra os pobres na defesa dos poderosos. Mostra, também, que a reforma agrária é urgente, uma necessidade legítima para barrar a violência do latifúndio, que está disposto a usar os métodos mais bestiais para impedir o direito dos trabalhadores à terra.

Por fim, há necessidade, também urgente, de que o secretário de Segurança Feliciano de Carvalho seja demitido o quanto antes melhor.

(Amigos da TO em Fortaleza - CE)

## "Nós vamos votar em Fernando Henrique"

Sentimos o dever de cada vez mais batalhar pela consolidação e ampliação da democracia no país. Nós, moradores do Jardim Santo Afonso e Jardim Dona Luíza, dois bairros carentes, temos o dever de fortalecer a Nova República, para que consigamos realizar, junto com todo o povo, as mudanças que a nação reclama.

Apoiamos, por isto, Fernando Henrique na campanha para a Prefeitura de São Paulo. Apoiamos Fernando Henrique porque é um democrata e está comprometido com as mudanças.

Temos a certeza de que ele irá batalhar para a consolidação da democracia em nosso país; irá também abrir as portas do Ibirapuera para escutar os clamores daqueles que lutam pelas melhorias em seus bairros.

Estamos cansados de ser enganados por candidatos mirabolantes como Jânio Quadros. Nós sabemos que o Jânio é apoiado por Delfim, Maluf e Companhia.

Nós vamos evitar que esta turma volte. O vice do Jânio, todos sabem, é um mafioso de coração e deverá assumir, porque Jânio Quadros só sabe renunciar.

Conclamamos todos os eleitores a se definirem, pensando na hora de votar e contando até três; aí, sim, votará no Fernando Henrique, que é o terceiro da cédula oficial.

## "Reforma agrária para melhorar nossas vidas"

Eu e minha família trabalhamos como bóias-frias na roça e sempre esperamos pela reforma agrária. Isto porque sofremos muito com o nosso salário, que não dá nem para comer e com as péssimas condições de trabalho. Aqui, o presidente do nosso sindicato, senhor Valdomiro Cordeiro, luta há muito tempo pela reforma

agrária, mas sentimos que ainda falta maior união dos trabalhadores para lutar.

Aos fazendeiros e outros que são contra a reforma agrária, é preciso que eles saibam que nós não pretendemos ficar ricos, mas apenas trabalhar e viver dentro de melhores condições. É para isto que lutamos.

(R.C.R - Três Fronteiras)

## Pão em Três Fronteiras custa 600 cruzeiros

Desejo fazer, através deste jornal, um apelo à Sunab para que faça, com urgência, uma vistoria geral nesta cidade de Três Fronteiras - SP. Nas casas de comércio, padarias e supermercados, nós, os bóias-frias, somos explorados nos preços. Por exemplo, o preço do pão, que em outras cidades custa Cr\$ 250, aqui, na padaria do senhor José Manoel, é vendido por Cr\$ 600.

Na cidade não existe fis-

calização. Pedimos à Sunab, por isto, que fiscalize com urgência, pois todas as mercadorias são mais caras que nas cidades vizinhas. A carne também é vendida sem tabela. Nós, bóias-frias, ganhamos tão pouco que mal dá para comprar os alimentos mais necessários - todos muito caros. Estamos confiantes de que sejam tomadas providências pela Sunab.

(M.G.S. - Três Fronteiras, SP)

Por ordem do secretário de Segurança do Ceará, oito agricultores foram ilegalmente presos e covardemente torturados pela polícia nos dias 7, 8 e 9 de outubro. Como é enfatizado na carta enviada ao Fala ao Povo, o fato prova que o militarismo ainda não cedeu de todo e que é fundamental consolidar e ampliar a democracia conquistada pelo povo. Uma luta que, no momento, passa pelo apoio aos candidatos progressistas nas eleições do próximo dia 15 - como também é mostrado pelos leitores em outras



fala o POVO

cartas publicadas neste número.

## Ferrovários estão com candidato da democracia

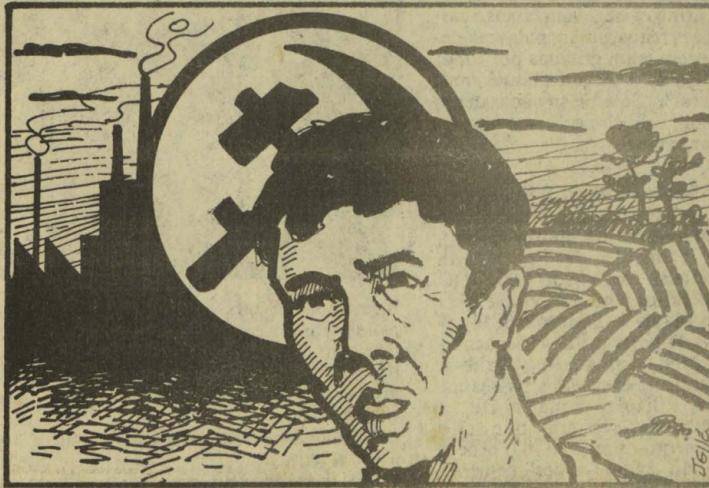
Depois que o regime militar foi jogado no cesto de lixo da história, nós conquistamos o direito ao voto para eleger o prefeito da capital.

Agora, alguns desejam que o prefeito eleito seja um homem honesto, competente e capaz. E que esteja identificado com os interesses da nossa pátria. Mas, desgracadamente, há outros que, por várias razões, poderão dar seus votos para bandidos, moleques e irresponsáveis.

Nós, ferroviários, estamos identificados com aqueles que enxergam com a alma e o coração e que desejam para São Paulo um prefeito honesto e competente.

E, para ajudar São Paulo neste grande duelo, inauguramos o nosso comitê de campanha no dia 11 de outubro, à rua Barra Funda, 794

O mundo é pequeno para nós e a escória representada nos senhores Jânio Quadros, Maluf, Delfim e Cia. Nós estamos apoiando Fernando Henrique Cardoso. Parabéns a todos os ferroviários que, com o peito empolgado, vieram prestigiar a inauguração de seu comitê para a vitória esmagadora do candidato da democracia e do povo de São Paulo. (J.S.F., A.A.S. e R.M., ferroviários - São Paulo, SP)



## Trabalhador diz por que entrou no PC do Brasil

Eu Joaquim Gomes da Silva, delegado sindical em São Miguel, distrito de Correntina, na Bahia, pedi meu ingresso no PC do B - Partido Comunista do Brasil. Antes eu era do PMDB.

Me filiei ao PC do B porque é o único partido com ideologia forte para enfrentar as mudanças e a transformação da nossa sociedade. Não tenho dúvidas que nesse regime capitalista não será capitalistas, fazendeiros, empresários e outras camadas da alta sociedade que vão solucionar tudo isto.

Penso eu que o PC do B nasceu do pensamento e da necessidade dos trabalhadores camponeses, serventes e assalariados que trabalham ganhando esmolas, enquanto quem não trabalha vive na mordomia, às custas do povo.

O PC do B, que defende a ideologia dos trabalhadores da cidade e da roça, sofreu muitos anos com a clandestinidade.

Desde que surgiu, em 1922, é vítima de perseguições - prisões, tortura - daqueles que defendem a grilagem e a exploração dos trabalhadores.

Entrando no PC do B estou somando na luta pela reforma agrária que acaba com o latifúndio, pelo fim da exploração do homem pelo homem, pela suspensão do pagamento da dívida externa (que vem sendo paga às custas da nossa fome).

Tenho certeza que com a luta unida do povo chegaremos ao socialismo. (Joaquim Gomes da Silva, delegado sindical em São Manoel e diretor do STR de Correntina, Bahia)

## Lançamento da UJS em Canoas

No dia 6 de outubro foi lançada, em Canoas (RS), a União da Juventude Socialista. Contamos, na ocasião, com a participação especial do grupo teatral "Pode ter incó no jardim", que mereceu o aplauso caloroso de quase 200 participantes do evento. Grupos musicais diversos se apresentaram, como o "Manga Rosa", que agitou as pessoas com seu som eletrizante e os cantores "Laco e Toni Di Magio".

O lançamento da UJS-Canoas é mais uma prova de que o jovem brasileiro está mais consciente de sua força na atuação política no Brasil, conforme disse Maria do Rosário, coordenadora estadual da UJS, que esteve no lançamento em Canoas e destacou: "A mulher está sendo

responsável pelas transformações que ocorrem e que ocorrerão na sociedade de hoje, juntamente com os homens trabalhadores, os democratas sinceros e os patriotas".

Luis Antônio, eleito coordenador municipal, salientou a importância da organização popular como forma de se lutar e obter um resultado positivo nas lutas que se dão na sociedade. Os jovens, disse, serão o futuro do país e "este futuro é o socialismo científico, única saída para os trabalhadores e os jovens brasileiros". Já temos 120 filiados em Canoas, número que é expressivo, pois há pouco tempo iniciamos o trabalho da UJS. (Carlos Geovani R. Machado, coordenador da Educação da UJS, Canoas-RS)

## Homenagem ao poeta negro assassinado

A poesia que publicamos abaixo, escrita por Antônio da Silva Ortega, diretor do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, foi dedicada ao poeta, operário e revolucionário negro Benjamin Moloise, enforcado recentemente pelo regime racista da África do Sul.

Benjamin Moloise poeta, operário, revolucionário com seus poemas

escreveu sem temer a luta de um povo oprimido. Na sua profissão de tapeceiro conclamou à unidade popular rumo à liberdade. Como revolucionário consequente deu seu brado de vitória na luta contra o opressor unido em uma só voz.

a nação sul-africana para que em breve seja ela livre e próspera.

Sua morte brutal na força fará ressurgir como semente do seu sacrifício, que não foi em vão, milhões de iguais Benjamins para juntos caminharem unidos construindo na luta contra o opressor a liberdade da justiça social.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

# Kasparov revitaliza o xadrez internacional

rega ao fim a mais técnica e eletrizante dis- do título mundial de xadrez, brilhantemente agonizada por Ana- Karpov e Garri Kaspa- ambos de nacionali- soviética. Karpov nha o título desde 1976 erega a vaga ao 50º peão da história, que 23 anos é o mais m de todos eles.

Antônio Rocha, 41 anos, tre internacional, várias s campeão paulista e ileiro, lembra para a ortagem da Tribuna Ope- a que os analistas e ervadores são unânimes classificar este match o o mais vibrante da his- a do enxadrismo.

Em nenhuma partida", ele, "notou-se alguma inação para o zero a zero. Empates que aconteceram série de 24 jogos sempre am disputadíssimos, no num futebol cheio de as na trave e placar tado".

As decisões do campeo- costumam ser frias e uladas. Os enxadristas chegam a esse ponto almente exibem um estilo go extremamente caute- o e estudado. Como sequência, as partidas esentam raras emoções, contrapartida ao impecá- e meticuloso movimento peças no tabuleiro. For- do na memória, Rocha edita que a última decisão e fugiu a essa regra foi a de nik contra Bronstein, no cio dos anos 50. Depois so, apenas o vedetismo de her quebrou a rotina do drez preciso e calculado.

Chama a atenção, tam- p, a dura maratona que sparov enfrentou longe o tabuleiro para chegar ao safio final. A Federação ievítica e a Federação ernational de Xadrez IDE), presidida pelo fili- o Florêncio Campoma- s, fizeram todo tipo de mação para deter o avanço Kasparov em direção ao ulo. A pretexto de punir



Kasparov enfrenta casuismos da Federação Internacional de Xadrez

Korchnoy, enxadrista sovié- tico dissidente radicado na Suíça, os dirigentes do xadrez da URSS proibiram que qualquer jogador de seus quadros o enfrentasse, a não ser para decidir o título mundial. Com isso, Kasparov, que anteriormente fulminara Smislov no torneio de desa- fiantes, ficou impedido de enfrentar Korchnoy, o outro semi-finalista, que foi decla- rado pela FIDE vencedor e desafiante do título.

Após longa e intensa sucessão de protestos de federações e enxadristas do mundo todo, "que não se conformaram com aquela situação inédita na história do xadrez", conta Rocha, "onde alguém ganharia sem jogar, a URSS suspendeu a proibição e Kasparov pôde enfrentar Korchnoy, arrasando-o no match da Inglaterra, aliás transferido dos EUA porque a FIDE, numa tentativa desesperada de frustrar o encontro, alegou que não havia ali condições aceitáveis de segurança.

As dificuldades não termi- naram. Iniciado o desafio final, quando Kasparov se

aproximava da vitória, encostando na contagem de 5 a 3, após estar perdendo por 5 a 1 de Karpov, o presidente da FIDE suspendeu o match na 49ª partida. Alterou o regulamento, mais uma vez, tentando favorecer Karpov, que não apresen- tava condições de resistir a uma série muito longa de jogos. Pela alteração, o campe- ão passa a ser o jogador que primeiro conseguir seis vitórias ou o maior número de pontos em 24 partidas, último obstáculo finalmente vencido pelo jovem Kaspa- rov.

"Principalmente por isso", acredita Rocha, "o Kaspa- rov reuniu tanta torcida e tanta simpatia, não só na União Soviética mas tam- bém junto aos admiradores do xadrez do mundo todo. Fora isso, o seu jogo agres- sivo, cheio de surpresas táticas e marcado pelos arrisca- dos sacrifícios, recuperou o romantismo e reforçou o lado esportivo do xadrez".

Garri Kasparov ganhou um grande match e o campeonato mundial. O xadrez ganhou um grande campeão. (Jessé Madureira)

# Uma reflexão sobre a neutralidade da imprensa

É possível ser neutro diante da vida? É possível a um jorna- lista fazer uma cobertura de uma revolução sem envolver- se nela? Estas questões, há muito debatidas mas sempre presentes, recebem um trata- mento artístico e político denso no filme "Sob fogo cerrado", de Roger Spottiswood, em exibição em São Paulo.

Pode parecer estranho: um filme norte-americano em grande circuito, realizado em 1983 -sob o governo Reagan, portanto -, denuncia os crimes da ditadura de Anastácio Somoza contra o povo nicaraguense e coloca-se abertamente favorável à revolução sandinista.

Mas o mistério começa a se desvanecer quando se sabe que, para o filme ser realizado, foi necessária a ação de um produtor independente, Johathan Taplin -ex-empresário do cantor Bob Dylan. Afinal, os grandes produtores dos Estados Unidos não primam pelo desafio à política do imperialismo ianque. A crítica cinematográfica oficial norte-americana logo condenou o filme por "incentivar o desrespeito à ética profissional".

Trata-se, no mínimo, de uma maneira cínica de tratar a ques- tão, já que a imprensa imperia- lista (para quem o personagem do filme, o fotógrafo Russel Price, trabalha) é useira e vezeira em adulterar fatos, análises e situa- ções para melhor servir aos inter- esses da Casa Branca.

Mas, afinal, de que trata "Sob fogo cerrado"? Três jornalistas da revista "Time", especializados na cobertura de guerras civis na Ásia, África e América Latina vão à Nicarágua, em 1979, para reportar o ascenso da luta popu-



Jornalistas durante a revolução sandinista: era possível ser neutro?

lar contra Anastácio Somoza. Lá, registrando as barbaridades cometidas contra o povo e o apoio decisivo dos EUA à manu- tenção do ditador no poder, acabam tomando partido na luta. O fotógrafo Price, principalmente, chega a montar fotos para ajudar os sandinistas.

Com uma bela música de Jerry Goldsmith pontualizando os momentos de tensão, reflexão e alegria do filme, "Sob fogo cerrado" contribui para a compreen-

são maior do papel da imprensa na sociedade contemporânea. Demonstra à sociedade, também, o apoio popular expressivo dos sandinistas na revolução nicara- guense, e o contínuo recurso ao terror por parte de Somoza para tentar manter subjogado o povo. "Sob fogo cerrado" não incentiva "o desrespeito à ética profes- sional". Pelo contrário, frisa que a verdade tem conteúdo de classe. E que é impossível manter-se neutro numa realidade que não é neu- tra. (Carlos Pompe)

# "Embrulhado pra presente" põe a luta de classes em discussão

O Grupo Calango de Teatro está apresentando, com o apoio do Sindicato dos Metroviários, a sátira política "Embrulhado pra presente", de Luiz Fernando de Rezende. Segundo o autor, "o grupo tem como proposta levar a luta de classes ao palco, em cima de princípios, mas não como

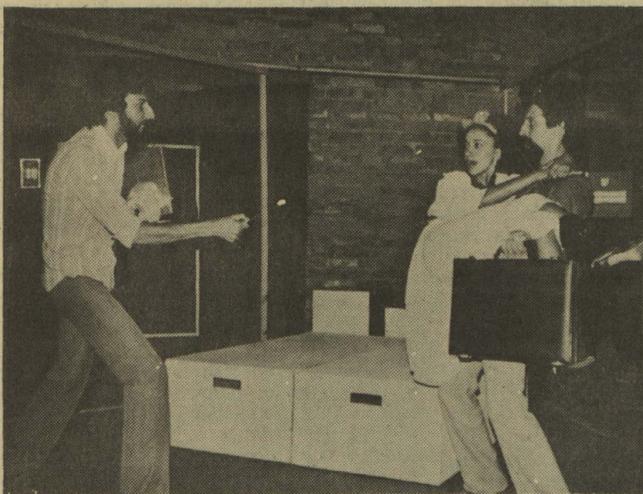
dono da verdade. Pretendemos incentivar as discussões."

Pedro, um operário, rouba um presente para o aniversário de seu filho. Mas o pacote que ele pega é na verdade um presente para o presidente da República. Fugindo da repressão, Pedro esconde- se num quarto de hotel, onde

encontra Ivone, proprietária de fábricas, bancos, empresas, e seu mais recente marido. A partir daí desenvolve-se o conflito entre interesses opostos, e as perspecti- vas das diferentes classes sociais se apresentam aos espectadores.

Com alguns números musicais, a concepção do espetáculo é cria- tiva, numa linguagem simples. O Grupo Calango é integrado por Atilio Debatin, Sônia Lucílio e Eneir R. Silva, dirigidos por Luiz Fernando. O grupo se dis- põe a levar a peça aos sindicatos, escolas, sociedades amigos de bairro etc. Contatos através do Centro de Cultura Operária, tele- fone 35-7266, São Paulo.

(Edna Araujo)



"Embrulhado pra presente": circuito nos sindicatos e entidades populares

# A difícil batalha para mostrar a música sertaneja em S. Paulo



São muitos os trabalhadores que, após a jornada fatigante nas empresas, buscam na música um lazer. É o caso dos nordestinos Clodoaldo e Claudinei. Há muito radicados no Sul do país, eles preferiram a música caipira aos ritmos do Nordeste.

"A música nordestina fala mais da vaquejada, essas coisas. Já a sertaneja canta muito o mato, a caçada, a pescaria", conta Clodoaldo, natural de Alagoas. "Em nossas músicas, cantamos também o trabalho, a carestia, a roça, o feijão", acrescenta Claudinei, que veio da Bahia há 26 anos para morar

em São Paulo.

Sem discos gravados ou uma divulgação maior de seus trabal- hos, a dupla enfrenta dificulda- des para mostrar sua arte: "As rádios estão cheias. O que mais dá é dupla sertaneja. Ultima- mente tem rádio tirando samba do ar para colocar a música cai- pira. Mas não é fácil encontrar espaço para cantar nas emisso- ras", contam os integrantes da dupla.

Clodoaldo e Claudinei apresentam-se em associações e entidades populares, e podem ser contactados pelo telefone 802-1722, falar com Manoel.

# Tribuna Operária



Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Sua assinatura fortalecimento da imprensa operária.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

- Anual (52 edições)  Cr\$ 160 mil
- Anual popular (52 edições)  Cr\$ 80 mil
- Semestral (26 edições)  Cr\$ 80 mil
- Semestral popular (26 edições)  Cr\$ 40 mil
- Trimestral (13 edições)  Cr\$ 20 mil
- Anual para o exterior(em dólares)  US\$ 70

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: .....

Cidade: ..... CEP: .....

Estado: .....

Profissão: .....

Data: .....

**CDM**  
Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318.  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.  
Telefone: 36-7531 (DDD 011)  
Telex: 0113213 TLOBR  
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.  
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.  
ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.  
AMAZONAS - Manaus: Rua Simom Bolívar, 231, (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 237-6644 - CEP 69000.  
BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800.  
Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100.  
Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600.  
Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua Americo Alves, 6-A - CEP 44060.  
Paratinga: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500. Salvador: Rua Independência, 27 - Centro - CEP 40000.  
Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesl) - CEP 43700.  
DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302.  
CEARÁ - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000. Iguaçu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 63500.  
Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.  
ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Mon-

teiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300.  
Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.  
GOIÁS - Goiânia: Rua 3, Nº 380, casa 6 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 4 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100.  
MARANHÃO - São Luís: Rua do Egito, 76 - Centro - CEP 65000.  
MATO GROSSO - Caladé: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000.  
MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.  
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000.  
PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000.  
PARAÍBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 - Caladé - Centro - CEP 58000.  
Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar - CEP 58100.  
PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428, Fone: 234-7484, CEP 80000.  
Londrina: Rua Serpente, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100.  
PIAUI - Teresina: Rua Barroso, 144-N, 1º andar, sala 4 - CEP 64000.  
PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigário Batista, 236, CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua do Sossogo, 221, Boa Vista - CEP 50000.  
RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Deodoro, 776 - Cidade Alta - R.N. CEP 59000.  
RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua dos Andradas, 1204, 3º andar, sala 3 - CEP 90000.  
Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100. Pelotas: Rua

Andrada Neves 1599, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas e aos sábados das 9 às 12 horas. Santa Maria: Rua Dr. Bozano, 1147, sala 410 - Centro - CEP 97100.  
Rio Grande: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200.  
RJUI: Rua 15 de Novembro, Edifício Nelson Luchese, s/ 23, 2º andar.  
RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Evaristo da Veiga, 16, sala 504 - CEP 20000. Niterói: Av. Amaral Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedrosa, 33, sala 319 - CEP 26000.  
SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000.  
SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravá, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12100.  
SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovidio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.  
A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-Up e Fotolito, Litaria Fotolitos Ltda. Fone: 279-3646, Imprensa Lida. Fone: 615-4999 - São Paulo - SP.

# O duro trabalho dos têxteis

O ruído excessivo, poluição e trabalho estafantes nas fábricas de tecidos roubam a saúde dos operários têxteis. Asma, alergia e berrinose são doenças crônicas da categoria, esta última sem cura. A maioria dos tecelões são mulheres, obrigadas a cumprir em pé uma jornada de trabalho árdua. No corre-corre entre uma máquina e outra chegam a caminhar diariamente até 50 quilômetros, a mesma distância de São Paulo a Santos.

São cerca de 350 mil trabalhadores nas indústrias têxteis do país, mais da metade concentrada no Estado de São Paulo. Já foi a categoria mais mobilizada do país até a década de 50. O estopim da greve geral de junho de 1917 partiu de uma fábrica de tecidos.

Se os patrões têm lucrado muito com a produção crescente de tecidos, por outro lado têm deixado os tecelões na miséria e estropiados. Em 1984 o setor exportou 1,1 bilhão de dólares. A automatização reduz paulatinamente o número de operários têxteis, sem que se tenha melhorado as condições de trabalho dentro das fábricas. Existem muitas manufaturas de fundo de quintal, mas o grosso, aproximadamente dois terços da categoria, trabalha em fábricas com mais de 100 empregados. No Brasil o valor da mão-de-obra nos custos finais do tecido é um dos mais baixos do mundo. Representa 7,7% do preço do pano, enquanto na Alemanha e Estados Unidos esta porcentagem é, respectivamente, de 24,5 e 26,1.

Geny Zanetti, 48 anos, trabalha desde os 15 anos na indústria têxtil. Trabalha de espoladeira - preparação dos fios que irão para a tecelagem propriamente dita - na Tip-Top Têxtil, fábrica de porte médio de São Paulo. Trabalha das 14 às 22 horas e tem um salário de Cr\$ 789.952. Há quatro meses deixou de morar numa favela da Zona Oeste da capital e mudou para um cômodo de quarto e cozinha - onde mora com seu filho e paga um aluguel de Cr\$ 150 mil por mês.

**"Se eu trabalhar com o cabelo solto o cilindro pega e arranca tudo"**

"Ando correndo de um fuso para outro" - diz Geny. "Já arreventou até uma varise na minha perna. Tem dia que eu não agüento". A tecelã explica que outras nove espoladeiras trabalham na mesma seção dela e diz em que condições faz sua labuta diária: "Dá muito pó. Fica quase um palmo de poeira no chão. A gente vê o algodãozinho flutuando no ar. A máquina fica parecendo neve. A sujeira prende no cabelo, mesmo a gente cobrindo com o lenço". Geny mostra um saco plástico com os fios de cabelo que caem quando vai limpá-los ao voltar do trabalho.

Trabalhar num ambiente, prejudica a

saúde. Existe também o perigo dos acidentes. "Uns se cortam, outros enfiam agulha no dedo, outros machucam os olhos. Se eu trabalhar com o cabelo solto o cilindro pega e arranca tudo", informa a espoladeira da Tip-Top. São os próprios trabalhadores que trazem o lanche de casa e que é comido no meio de todo o pó, com as máquinas ligadas, pois não se pode desligá-las. Uma das reivindicações das operárias é que a firma lhes ofereça leite.

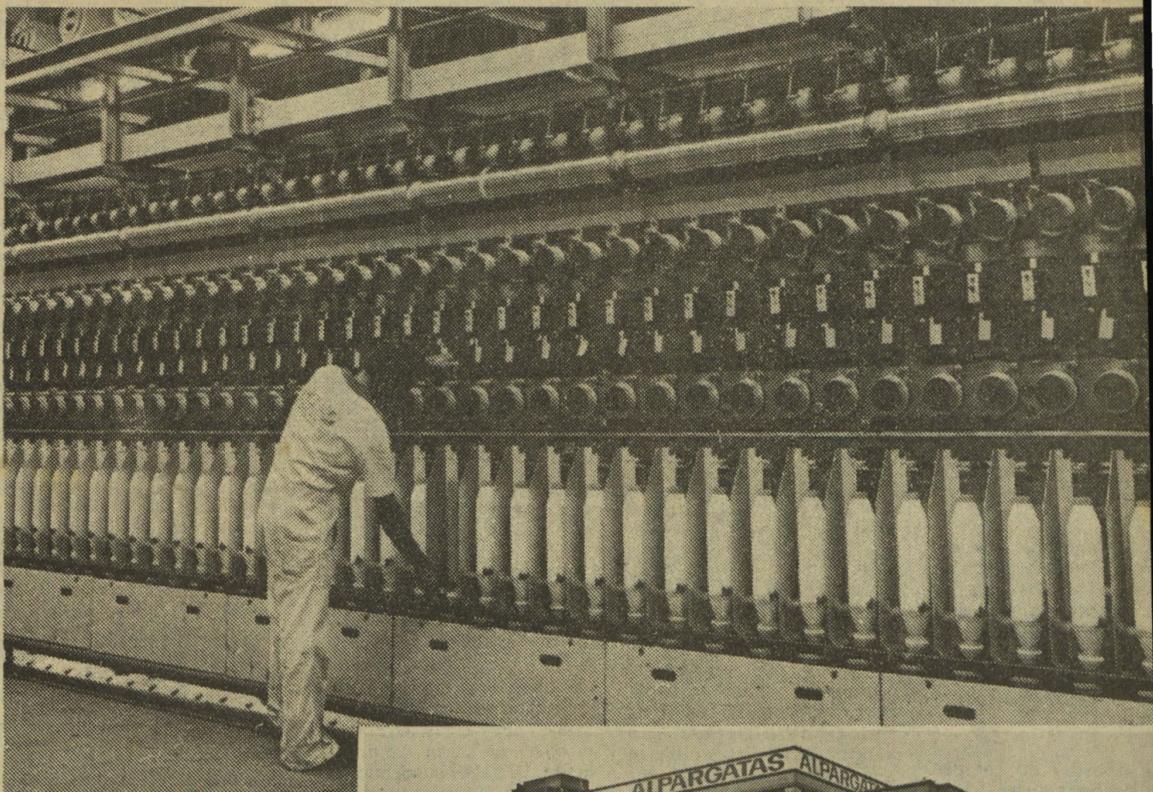
Geny perdeu a audição do ouvido direito por causa do ruído das máquinas. "Sinto dor de ouvido e à noite fica um pouco daquela zuada no meu ouvido. O médico me aconselhou a sair do serviço por causa disso", diz ela. Diversos outros sintomas mostram alergia a determinados tipos de fios e problemas causados pelo pó. A operária é quem relata: "Eu peguei uma gripe forte e fiquei sem ar. Tem gente lá que fica se sentindo mal".

Na São Paulo Alpargatas, uma das maiores fabricantes de tecidos do país - dentre suas 21 unidades industriais, cinco são têxteis - a situação não é muito diferente da Tip-Top. As custas do suor dos seus operários, a Alpargatas teve um faturamento de Cr\$ 1,18 trilhão no primeiro semestre deste ano.

Na sua fábrica na Móoca, trabalham aproximadamente 7 mil pessoas. Ali tem uma linha completa que transforma as fibras em tecidos e ainda existe o setor de confecções. Este processo consiste de três etapas associadas, mas autônomas: fiação, tecelagem e acabamento.

A primeira fase da produção do tecido na Alpargatas se inicia na sala de batedores. As máquinas enormes limpam o algodão e os trabalhadores fazem suas tarefas com todo o corpo coberto pela poeira. A médica Merli Alves dos Santos alerta que "este pó é alergizante, provocando em muitos indivíduos rinites, bronquites alérgicas, asma e variados problemas das vias respiratórias, além da possibilidade de se contrair a berrinose, que provoca endurecimento do tecido pulmonar e não tem cura".

Na seção de filatórios é onde se transforma o algodão em fios. São 80 máquinas - que medem até 18 metros de comprimento - operadas apenas por quatro operários, além dos seus ajudantes. Nesta tarefa cada trabalhador é obrigado a andar vários quilômetros diariamente. Na tecelagem Paramount o patrão mandou colocar patins nos pés das suas fiandeiras para se locomoverem mais rapidamente entre uma



As grandes indústrias têxteis usam máquinas automáticas onde apenas um operário controla vários teares máquina e outra.

Para evitar que os fios de algodão se rompam, são colocados os umidificadores ou "chuveirinhos" na seção a fim de garantir uma umidade relativa de 50 a 60% no ar ao lado de uma temperatura artificial de 25 graus. Este ambiente úmido provoca uma doença chamada "tosse do tecelão".

Com os fios devidamente preparados se inicia a tecelagem propriamente dita. Na Alpargatas são utilizadas máquinas modernas. Um operador apenas pode controlar até 24 destes teares. Agora já existe um tear a jato de ar seis vezes mais rápido do que os teares de lançadeira. O tear a jato é capaz de inserir 1.200 metros de trama por minuto.

**O ruído insuportável deixa os operários com problemas de audição**

O principal problema na seção de tecelagem é o ruído. Segundo a Fundacentro, o nível médio de ruído de um tear é de 100 decibéis. A nível de comparação, uma fábrica já é considerada barulhenta com 90 decibéis. Juntando vários teares num mesmo local o barulho é insuportável. Para se ter idéia, com dois teares o nível de ruído passa para 103 decibéis e a partir de sete teares é de aproximadamente 111.

Na Alpargatas, quatro dos seis andares são destinados à tecelagem e em um destes pisos operam 70 teares. Para se trabalhar neste local os operários necessitam usar protetores de ouvido. Mas, mesmo usando o melhor protetor de ouvido, não se reduz o ruído mais do que 20 decibéis.

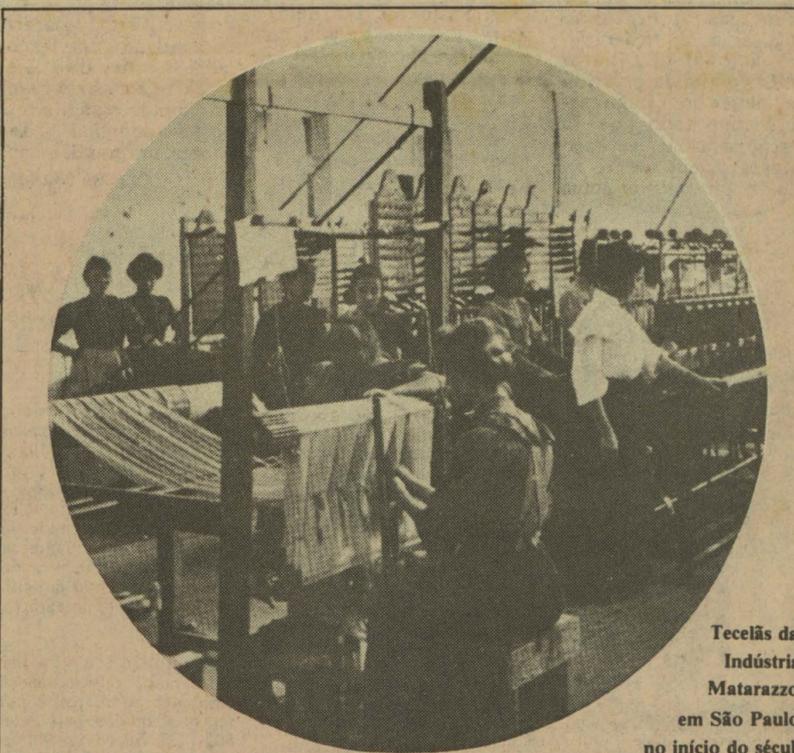
Antes de ser liberado para o comércio, o tecido passa por sua última etapa, na tinturaria, onde ele recebe a sua cor definitiva. Nesta seção os operários trabalham num ambiente com temperaturas elevadas: entre 40 e 50 graus.

Uma parte do pano produzido na Alpargatas vai direto para a seção de confecções na própria fábrica. As trabalhadoras são divididas em grupos de 28 pessoas para realizar as 38 operações necessárias para confeccionar uma calça US Top. Ali se trabalha por produção, num ritmo apressadíssimo. As pessoas que produzem 30% a mais do que uma média fixada recebem prêmios. Estas bonificações chegam a representar até 30% do salário total de um empregado. "Tem meninas que nem vão ao banheiro para dar mais produção", conta uma jovem operária.

A exploração chega a tal ponto, que mesmo com ferimentos na mão os chefes exigem a produção. "A minha colega cortou a mão, inflamou e não podia nem mexer os dedos - relata a trabalhadora têxtil. "Levaram para a enfermaria e a mandaram de volta ao serviço. Cada vez que mexia os dedos sangrava o ferimento. E os chefes queriam que ela desse a mesma produção".



Foto: César Diniz



Tecelãs das Indústrias Matarazzo, em São Paulo, no início do século

## Setor onde as mulheres são maioria

A indústria têxtil nasceu no Brasil na década de 40 do século passado, quando aqui se instalaram duas fábricas, uma no Rio de Janeiro e outra na Bahia. Desde seus primórdios este setor manufatureiro se caracterizou pela predominância do trabalho de mulheres em seus teares.

Em 1872, dos 137.033 trabalhadores têxteis, nada menos do que 131.886 (96,2%) eram do sexo feminino. O censo de 1920 mostrou que as mulheres ainda predominavam no setor têxtil, se bem que com um percentual um pouco menor, 65,5% da categoria. Meio século mais tarde, em 1970, 51,3% dos 342.839 têxteis do país eram compostos por mulheres.

### DISCRIMINAÇÃO SALARIAL

Apesar de ser maioria na categoria, as mulheres têxteis recebiam salários menores que os homens, fazendo o mesmo tipo de serviço. Em 1919 um operário têxtil recebia em média um salário de 5.329 réis por dia, enquanto a mulher recebia 3.738. Nesta época a mulher trabalhava até 14 horas por dia, sem ter nenhuma proteção legal. Como férias ou licença maternidade.

33,7% do proletariado brasileiro e sempre participavam das lutas reivindicatórias da sua classe. A sua presença ao lado dos homens nas greves era constante. A greve geral de 1917 em São Paulo teve início na seção feminina do Cotonifício Crespi. Uma das exigências de uma das greves dos operários paulistas em 1919 era "igualar o salário das mulheres aos dos homens".

A situação de miséria vivida pelos operários nesta época é constatada pelo jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Um artigo de Antônio Torres, de 1917, mostrava o seguinte: "Por mais que obtusamente o neguem os conservadores, é lamentável a situação do nosso proletariado. (...) Os tecelões percebem 4\$000 (4.000 réis) por dia de dez horas. Nas fábricas que melhor pagam, as crianças percebem o salário de 840 réis por dia de sete horas, ou seja, 3\$360 por semana de quatro dias; total de um mês: 13\$440. Quer isto dizer que o filho de um operário ganha num mês aquilo que o filho de seu patrão gasta em duas horas de passeio de automóvel."

Passaram-se os anos mas as condições pouco mudaram para os operários. Nas tecelagens as máquinas se modernizaram, mas a exploração continua a



Geny: "Ando correndo de um fuso para outro. Tem dia que não agüento"

(Domingos Abreu)